

BRASIL-PORTUGAL

1 DE AGOSTO DE 1902

N.º 85

Em Pelotas

(Brasil)



Sempre a mesma faina...



Aposto que não me agarras...

POLÍTICA INTERNACIONAL

Sem sempre a lógica tem sido a suprema reguladora da política dos estados, é certo que, nunca como agora, com a viagem do rei de Itália ao tsar, foram as suas leis mais propositadamente protergidas. Acaba de se renovar o tratado da Triplice Aliança, que mantém a Itália no grupo, cujo adversário confessado é a Dupla Aliança, de que faz parte na qualidade de membro preponderante a Rússia. Por mais repetidas que appareçam as acclamações aos instrumentos diplomaticos, que servem de bandeira a cada um dos campos, não admite duvida de que elles são irreductiveis, muito embora se procure de uma parte e outra amaiar o inevitavel antagonismo com relações cortezes, já que não podem ser intimas ou mesmo sequer cordaes. Definidas assim as respectivas situações, parecia que a primeira viagem do novo rei de Itália ao estrangeiro devia ser a um dos paizes aliados, ficando reservadas para mais tarde as visitas ás outras cõrtes, — de puro cumprimento e em satisfação ás praxes do protocolo.

Pois não succedeu assim. A primeira visita foi para a Rússia, devendo só d'aqui a algum tempo realisar-se a visita a Berlim. Enquanto á visita a Vienna está addida indefinidamente, até que o imperador Francisco José pague em Roma a que o fallecido Victor Manoel lhe fez, e que nunca foi retribuida. Com a Austria-Hungria, porém, ainda a situação é mais singular. Não só o monarcha italiano a não incluo no seu programma de cortezias internacionais, senão que cuidadosamente compoz um itinerario de proposito organizado para evitar que a ida que á volta passar por Vienna. Pelo seu lado o imperio apostolico correspondeu á amabilidade do real aliado mandando ausentar-se de S. Petersburgo em uso de licença o embaixador austro-hungaro durante o tempo da estada de Victor Manoel em S. Petersburgo.

E no entretanto a Itália e a Austria, que assim *coram populi* dão mostras da sympathia que sentem uma pela outra, continuam unidos por um recente pacto de aliança. — Chegam a ser comicos estes *distinctions* da diplomacia, que hoje como sempre parece apostada a desahar as mais elementares regras do bom senso.

Mas que quer dizer esta singular contradicção entre os estados da Triplice Aliança e os da Dupla? Que nova combinação se está girando nas chancellarias das grandes potencias, de que são symptomas estas enigmaticas anomalias? Que alguma cousa se passa, é lór de toda a duvida. O que será, porém?

Se a Triplice Aliança não tivesse sido renovada ha apenas alguns dias, diríamos sem hesitar que o pacto que por tanto tempo uniu as tres nações se havia dissolvido, buscando cada uma d'ellas, recuperada a respectiva liberdade, novas amidades politicas. Mas a Triplice subsiste. O que significa então o que se está passando? O menos que significa é que, apesar da sua recente confirmação, a aliança entre Roma, Vienna e Berlim, se encontra bastante doente ou, se quizerem, bastante debilitada. Os accordos *a latere* são os responsaveis d'este estado de cousas, cujo defeito não é difficil de prever quando a actual prorrogação chegar ao seu termo. Primeiramente, em vida de Bismarck e achando-se elle ainda no poder, foi a Alemanha que fez um accordo particular com a Rússia, cuja existencia a propria Austria ignorava. Todos estarão lembrados do escandalo diplomatico, que produziu semelhante revelação. Bismarck, porém, já então lór do ministerio, correu em defesa da sua obra, sustentando que a Triplice Aliança não era incompativel com a realisação de combinações particulares de qualquer dos aliados com outras potencias, contanto que essas combinações não fossem contrarias á letra do tratado da Triplice. Aproveitando-se d'esta interpretação, que a Alemanha invocava para desculpar a duplicidade com que o seu chancellier tinha procedido, a Itália ultimo o tão discutido accordo com a França para a regularisação da questão mediterranea e eventual occupação de Tripoli. Seguiu-se-lhe a Austria, que se aproximou da Rússia, e com ella combinou um *modus vivendi* qualquer a respeito da peninsula baltica. E por ultimo é novamente a Itália, que não contente com o accordo franco-italo, tenta querer dar-lhe por *pendant* um accordo italo-russo. O que sairá de tudo isto? Ao que parece a dissolução da Triplice Aliança. Evidentemente não podem por muito tempo co-existir este pacto e os accordos particulares, a que acabamos de nos referir. Ao primeiro choque de interesses está liquidada a Triplice, por mais que a Alemanha se esforce em ampar-la.

O que n'este mesmo momento se está passando entre a Austria-Hungria e a Itália é sobremaneira eloquente. Provavelmente será d'este lado, que primeiramente a crise se manifestará. Alguns mezes mais, e a situação ha-de por força esclarecer-se.

Dá-se com as nações o mesmo que com as mulheres — felizes as que não tem historia. Está n'este caso a Suecia. Trabalhadora, modesta nas suas aspirações e contente com a sua sorte, é raro quando no dominio da politica dá que fallar de si. Depois que a eterna contenda com a Noruega sahiu do estado apuro pelo menos apparentemente sereno, tornou a Scandinavia a desaparecer dos boletins da politica internacional, onde de resto a celebridade se paga por bem caro preço.

E no entretanto duas graves questões estão hoje na ordem do dia na Suecia. Uma d'ellas é a da defesa nacional, que repentinamente adquiriu importancia capital, depois das ultimas tentativas de absorção da Finlândia pela Rússia. A outra é a do suffragio universal, reclamado de uma maneira enérgica, embora não se saiba por tanto tempo a classe trabalhadora, mas também pelo partido liberal inteiro. Foi esta ultima questão que fez cair o ministerio Otter. Conforme é sa-

bido o projecto de reforma eleitoral elaborado pelo governo não obteve a approvação do *Riksdag*, o qual para melhor accentuar ainda o significado da rejeição, recommendou ao ministerio a apresentação de um novo projecto de feição mais liberal. Desde este momento o chefe do gabinete considerou-se em crise, entregando ao rei a demissão collectiva do ministerio. Foi immediatamente chamado a organisar a nova situação o sr. Boström, que passa por ser o politico mais habil da Suecia e o homem publico, que ahí gosa de maior prestigio. O novo presidente do conselho constituiu um ministerio accentuadamente reformador, de que fazem parte, alem dos ministros dos negocios estrangeiros (Lagerheim), marinha (Falandér), guerra (Cru-sehörn), e fomento (Odelberg), que pertenciam ao governo demissionario, os novos ministros Ossian Berger para a justiça, Ernest Meyer para as finanças, H. G. Westring para o interior, Karl von Friesen para os cultos. O sr. Boström fica presidente sem pasta.

A constituição do novo ministerio foi em geral bem recebida pela opinião publica, que espera do actual governo a solução das graves questões, que presentemente preoccupam o paiz e entre as quaes sobressaem a da defesa nacional e a do alargamento do suffragio. Qualquer d'estas questões é bastante delicada para necessitar de braço forte a dirigir a governação do estado. O sr. Boström, porém, a par de incontestavel habilidade, tem a firmeza necessaria para se desempenhar do que a nação d'elle reclama.

Afinal, após tantos desmentidos, sempre se realizou o que ha bastantes mezes a imprensa tinha começado a propalar. Lord Salisbury demittio-se voluntariamente do alto cargo de primeiro ministro, entregando a presidencia do governo e a chefatura do partido unionista ao sr. Balfour, seu sobrinho e seu collega no ministerio, e porventura o mais leal collaborador que em toda a sua longa carreira politica elle encontrou. Como se vê a renuncia do poder, em condições que pareciam deveso tornar mais appetecivel, é agora de moda. Ainda não ha muitas semanas em França o sr. Waldeck-Rousseau depois de uma assignalada victoria eleitoral demittio-se do cargo de presidente do conselho. Agora é lord Salisbury que depois da victoria da sua politica na Africa austral, abandona a invejavel situação de primeiro ministro do imperio inglez. A philosophia do desinteresse vai invadindo o que parece, as altas esferas da governação nos paizes de vida politica mais intensa. Como esta dupla renuncia ao supremo mandato não sobre pela isenção que revela, contrasta com o triste espectáculo que ha alguns annos Bismarck deu perante o mundo, esforçando-se por conservar o poder de que teve de ser violentamente desapaçoado, e depois não se consolando até ao seu ultimo dia da *ingratidão* o que tanto concorrera para lhe abreviar a existencia!

Entre a renuncia, porém, de Waldeck-Rousseau e a do marquez de Salisbury ha uma sensivel differença. O primeiro saio do ministerio para subliir o seu nome. Pelo menos o nome do primeiro ministro do sr. Loubet, e até já o imperador da Alemanha lhe deu na sua recente viagem á Noroega como que uma investidura anticipada. O segundo, pelo contrario, abandona de vez a vida publica para consagrar o resto dos seus dias aos estudos predilectos da mocidade.

Alto palco da politica internacional, onde era figura de primeira grandeza, não voltará mais, podemos estar d'isso seguros, porque a sua retirada não é, como tantas outras, saida falsa, mas o resultado de uma deliberação longamente meditada. Porisso mesmo o acto de lord Salisbury adquire excepcional relevo de grandeza moral, que mais ainda exalta a sua personalidade.

A escolha do novo primeiro ministro agradou em geral, sobretudo no continente onde em alguns estados, como a Alemanha, se receava o advento do sr. Chamberlain. No entanto, por distinctos que sejam os dotes do sr. Balfour, é certo que elle não tem a estatura politica de seu tio, que pôde dizer-se fecha o cyclo dos grandes estadistas de que a Inglaterra se ufana. O sr. Balfour é um espirito ponderado. Revelou-se politico habil na direcção da camara dos Communs, de que ha sete annos é o *leader*. Não deixa de ter coragem e firmeza, como bem o mostrou quando ha annos foi ministro da Irlanda. É um pensador distincto e original, auctor de obras que fariam honra a qualquer professor ou philosopho. Mas . . . falta-lhe a linha caracteristica de um grande vulto, que lord Salisbury em tão alto gráo possuia.

Que mudança na politica geral do governo inglez occasionará a nomeação do sr. Balfour para primeiro ministro? Desde já nenhuma, a não ser a que possa resultar da saida de dois ou tres ministros, entre os quaes o sr. Hicks-Beach. Com o decorrer do tempo, porém, se o actual ministerio se conservar por alguns annos no poder, é indubitavel que a influencia do sr. Chamberlain se irá accentuando, tornando-se de simples secretario das colonias pouco a pouco no verdadeiro chefe do governo. Até hoje o prestigio incontestavel de lord Salisbury, perante o qual os outros ministros se curvavam, foi um decisivo elemento ponderador, que nas occasiões criticas sempre acabou por impôr-se. Hoje esse elemento falta nos conselhos do governo e não é decerto o sr. Balfour, com a sua indifferença meio-philosophica, meio sceptica, que poderá ter mão no seu activo collega das colonias, de indole tão contraria a abstracções metaphisicas, e servido por uma vontade de ferro, que lhe permite vencer com inflexivel persistencia todos os obstaculos. Primeiro ministro ou ministro subordinado, é nossa convicção que n'esta segunda phase do governo unionista vae ser o sr. Chamberlain o verdadeiro presidente do ministerio.

CONSELHEIRO PEDROSO.

As pinturas da Bibliotheca d'Evora

A COLLECÇÃO de pinturas, de desenhos, gravuras e outros objectos d'arte que faz parte da Bibliotheca Publica d'Evora, deve-se ao arcebispo D. fr. Manuel do Cenaculo, espirito de grande cultura e de muito amor pelo estudo, auxiliado pelos grandes meios que a mitra eborense possuia na antiga forma de governo. Ao que o illustre prelado reuniu juntaram-se depois da extinção dos conventos de frades poucos objectos. Modernamente o museu foi augmentado pela compra de alguns quadros aos herdeiros de Joaquim Sebastião Limpo Esquivel, que os possuia por herança do bispo de Bugia.

Poucos donativos tem augmentado a collecção.

E' valiosa; estão ali representados diferentes generos e escolas.

Uma serie importante é a dos desenhos a lapis vermelho, de Vieira Lusitano, quasi todos assignados A *Assumpção da Virgem*, o *Orpheu nos infernos*; são composições notaveis. Os dois grandes desenhos de *Eros e Psyche no festim olympico*, e *Jupiter e Juno ouvindo os dois amantes na assembleia dos Deuses*, são copias dos celebres

muitas figuras animam o quadro, patinadores isolados ou em grupos divertem-se para aquecer. *Bredius*, conservador do museu de Bellas-Artes, de Haya, attribuiu esta pintura a *D. van Alstoot*, apreciando-a muito.

O *Incendio de Troia*, com os episodios classicos de Enéas, e do cavallo, é de Diogo Pereira.

Os *Dois bispos*, que a nossa gravura reproduz, são pintados em madeira. Chamavam-lhe d'antes os *bispos gregos*, por uma d'estas lendas sem base vulgares nas antigas collecções. São bem portugueses. Tem as suas mitras e baculos, e ambos estão de pluvial. Um tem luvas azues, outro vermelhas; anneis sobre as luvas, como em outras pinturas se vê; nos fechos ou firmes das pluvias ha distinctivos; um tem as armas de Portugal e Aragoá, e outro a *rede de pescador*, divisa da rainha D. Leonor. Representam o bispo d'Evora D. Afonso, e o cardeal, tambem D. Afonso, filho de el rei D. Manuel e de sua 2.^a mulher. E' pintura portugueza do começo do seculo XVI. As mitras, baculos e pluvias são pintados com muito rigor, os bordados a perolas muito minuciosos, e vê-se que o artista se esforçou por apanhar as feições dos dois prelados.

Ha uma cabeça juvenil, em tela collada na taboa, com o letreiro

S. Martin Adech Peer et Miles, finamente colorida.

Bons tambem os retratos chamados dos conspiradores de 1640: D. Manuel de Castello Branco, conde de Villa Nova, D. Gastão Coutinho, e Ruy Lourenço de Tavora.

O retrato de Paulo Osorio está assignado no verso: *Fernan Gonzalez*.

Passue o museu algumas telas do celebre pintor-amador, o morgado de Setubal, que se chamava José Antonio Benedicto da Gama e Barros, observador e naturalista de valor ainda que ignorante de perspectiva; d'este é a pintura de scena nocturna, saltadores junto do lume, de bom effeito; e um quadro representando um gato, uma gallinha, pratos de estanho e tacho de arame de colorido exacto, muito bem apanhados.

D'este pintor ha outros quadros no paço archiepiscopal, mas os mais importantes que conheço pertencem ao Sr. Groot Pombal, de Setubal, onde ornamentam

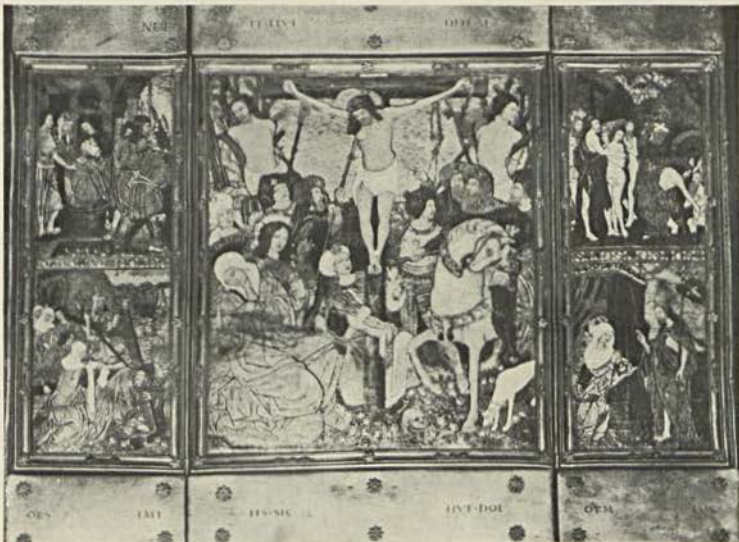
uma sala de linda vivenda chamada a quinta d'Aranjez.

O grande quadro da escola flamenga *Jesus menino entre os doutores*, tem sido attribuido a varios pintores, a Christovão de Utrecht, a Van Eyck; a ultima attribuição é a *Gerard David*. Este quadro esteve na capella-mor da Sé, antes de edificada a actual, com os outros quadros que hoje estão no paço archiepiscopal, no grande salão ante a capella.

Todos os entendidos que nos ultimos annos tem examinado essas esplendidas pinturas em madeira concordam em que ellas constituem um conjunto monumental da antiga arte flamenga. Felizmente estão admiravelmente conservadas, talvez devido ao clima secco da cidade: conservam os finos tons opalinos, as transparencias d'esmalte que lhes communicou a tempera cuidadosa. E ainda outro acaso de fortuna, nenhum restaurador lhes tocou.

Ainda outros retratos: o do marquez de Pombal, por Joaquim Manuel da Rocha; o do papa Clemente XIV; o de frei Ignacio de S. Caetano, arcebispo de Thessalonica, fallecido em 1782; o de frei Alexandre de Gouveia, bispo de Pekin; o de Voltaire; o de el rei D. Manuel, em busto, com armadura; o de S. Ignacio de Loyola; o de Carlos I de Inglaterra.

O *Cogita mori*, um sabio, um Fausto, meditando, é de origem allemã; comparavel, ainda que inferior na execução, a um dos quadros mais preciosos do Museu de Bellas-Artes de Lisboa, o que está assignado por Alberto Durer. A mesma figura, a mesma posição e aspecto geral. Neste da Bibl. d'Evora ha mais accessórios. Vê-se



Quadro em esmalte, de Límoges, existente na Bibliotheca de Evora

frescos de Raphael, no palacio Ghigi, em Roma, descriptos pelo Vasari.

Ha na collecção pinturas em madeira, em tela e em cobre.

O *Juizo de Salomão*, e o *Caminho do Calvário*, bellas composições pintadas em cobre, parecem do mesmo pincel, e uma está assignada A. *Willenboudt*.

Em cobre tambem, os quatro retratos das filhas de el-rei D. José, bem executados.

Uma pequena tela representando um pontifice ajoelhado ante o altar é attribuida a Marullo.

Dois paisagens em taboa, de tom azulado, com figuras muito detalhadas, tem a assignatura de *Francisco da Silva*, e as datas 1730-31.

Trechos de architectura, e grandes ruínas de edificios monumentaes, pintados em tela, são obras pouco vulgares.

As scenas de caça, de Snider, prendem a attenção pelo extraordinario movimento dos cães, correndo ou brigando.

Retratos de damas, marcados *M.^{me} Deniers* e *M.^{me} Creille*, são documentos raros; em grande retratos antigos tem sempre merecimento, porque ainda não sendo pinturas artisticas, offerecem modelos de vestuario, jóias, etc.

Dois quadros, assumptos religiosos, de Pedro Alexandrino.

A grande pintura hollandeza, em taboas, que a nossa gravura representa, é muito caracteristica; proximo da casaria corre um rio; e inverno; o rio gelado, os telhados cobertos de neve, arvores nuas;

pintado no quadro um crucifixo, por outro pincel, que nem mesmo soube collocar a cruz na conveniente perspectiva.

A *avarenta*, uma tiasinha idosa contando dinheiro, á luz de uma vela, é rasoavel estudo de luz.

O retrato do marquez de Abrantes pode ser de Vieira Lusitano.

A *castanheira com dois rapazes, um que chora, e outro que ri*, é pintura do morgado de Setubal.

O *cordeiro paschal*, rodeado de flores, da celebre Josefa d'Ayalla, ou de Obidos, é talvez a melhor pintura d'esta artista.

Uma cabeça energica, um rosto viril com barba branca, coberto de chapéu de largas abas, chama a attenção á primeira vista, destaca-se frisantemente: póde affirmar-se que é pintura de primeira ordem; já a attribuíram a Rubens, depois disseram que era o retrato do grande pintor, chamaram-lhe mais modernamente um soberbo Franz Hals; e creio que é o retrato de algum burgomestre flamengo, e a respeito do auctor não ha duvidas, está assignado e datado: *Fecit ex tempore A. de Vris anno 1631*. E' preciso examinar proximo para achar as letras no campo da pintura.

Ainda mais retratos, de D. Francisco de Lemos, bispo de Coimbra, do grande orador José Estevão, assignado *J. Steirart, 1862*, de um dos condes da Ericeira, de el-rei D. José, do patriarcha Saldanha.

Ha bastantes gravuras e desenhos em pastas e albuns.

A *Anunciação*, em azulejo, de que damos a gravura, está desde ha pouco no museu Cenaculo, recentemente organizado nas salas do pavimento terreo da Bibliotheca. E' obra d'arte rara. Veiu do claustro do extincto mosteiro de S. Bento de Castris, onde encimava uma porta. E' formado o quadro por seis azulejos finamente pintados e esmaltados, em pura *renaissance* italiana. Só vi cousa parecida no espolio de el-rei D. Fernando; era um quadro, tambem em seis azulejos, assignado *Nicolas*.

Outra gravura representa o triptico esmaltado de Limoges; é esmalte sobre cobre, do seculo xvi, obra d'arte de primeira ordem. O quadro central é Jesus no Calvario, Longunhos dando a lançada; nos lados ou *predelas*: Pilatos lavando as mãos, o caminho do Calvario, a descida ao Limbo, e a Resurreição. Tons azulados e violaceos, os toques de luz dados a traços de ouro; alguns ornatos de pequenas perolas; os esmaltes verdes e azues são de uma frescura admiravel, a composição animada, a ornamentação variada, o todo de um aspecto opulento: está bem conservado.

E' superior ao famoso esmalte do Vaticano; nas grandes collecções do Louvre e de Cluny, em Paris, e do South-Kensington, de Londres, não vi cousa superior; e isto póde agora dizer-se sem receio de parecer exaggero desde os artigos que Boutroue dedicou ao esmalte d'Evora, na Ga-



A *Anunciação* — Quadro em azulejos que pertenceu ao convento de S. Bento e existe hoje na Bibliotheca de Evora

zeite des Beaux-Arts.

Desse lindo e brilhante ramo da arte franceza temos obras capitais em Portugal, o esmalte de Evora, e os famosos *Raymond* do sr. duque de Palmella; é que não tem parceiros no estrangeiro, em dimensões, finura de trabalho, e estado de conservação.

O esmalte de Evora não está assignado; ás vezes estas joias estão marcadas com umas humildes iniciaes postas a um cantinho; no de Evora não consegui descobrir ainda o mais singelo monogramma. Foi comprado por avultada quantia no começo do seculo passado, pelo archbispo Cenaculo.

Contam-se a proposito do esmalte varias lendas, baseadas n'um papel impresso collado na caixa ou estojo; acho possivel que pertencesse a Francisco 1.^o de França, e que viesse parar á peninsula com um Castiglione que foi



Quadro attribuido a J. Alseoot e existente na Bibliotheca d'Evora

prelado de Toledo. O grande esmalte está n'uma vitrine da sala agora chamada de Philippe Simões.

Merece a pena ir a Évora ver essa bella sala da Bibliotheca Publica, as altas paredes forradas de boas pinturas, as vitrines cheias de obras d'arte de valor, raras, singulares, e as pequenas estantes com os seus livros e manuscritos preciosos.

G. Pereira.

TRES TYPOS HISTORICOS

(Ao BARBICHAS)

PRENTENEM à rapa felina. Papo já honradamente a declaração no intuito de poupar desenganos ao leitor.

Ir à cata de intensas e emaranhadas psychologias e deparar com personagens de longa cauda, orelhas a pino e pello mais ou menos brilhante, deve ser um profundo desconsolo. Presumo.

Sei muito bem que a maior parte da gente, tanto na minha terra como n'esta em que agora vivo, considera materia desprezível a parte do reino animal que se convencionou chamar *irrational*.

Tenho conhecido portuguezes que não são d'este parecer. Por exemplo, o fallecido conselheiro José Silvestre Ribeiro, fundador da nossa Sociedade de Protecção dos Animaes, a qual, apertada no circulo dos seus fracos recursos, tem sido todavia, ha muitos annos, um dos mais constantes elementos de civilização do povo de Lisboa e seus contornos. O sr. conselheiro Silvestre Ribeiro, auctor da obra monumental *História da Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia*, sobre ser um sábio e um benemérito a quem a patria aqoriana levantou em vida uma estatua, era ainda um caloroso e convicto defensor dos direitos dos animaes. E, com este exemplo, occorrem outros: o fallecido general Joaquim Carlos da Silva Heitor, o sr. Julio de Andrade, o sr. Alfredo Gallis, a. . . Mas estes são os excentricos. A maioria conserva embotada o entendimento e frio o coração para um objecto que se lhe antolha de some-nos importancia. E, não obstante, subsiste sempre esta verdade, palpavel desde que se deite um pé fora dos Pyreneus: — O procedimento com os animaes é um dos muitos traços que de relance nos pintam o grau de civilização de um povo.

Postos em Iruu, olhemos a um e outro lado. Alem Waldeck Rous-seau pronuncia uma lei que bane de todo o territorio francez as touradas, que esclaram brutalmente a barreira pyrenaica. Pela maior parte a imprensa applaude calorosamente. Em Paris pratica-se um genero de protecção especial ás familias pobres que tem animaes. Sociedades de vigilancia fornecem mantas de abrigo aos cocheiros e carroceiros, para resguardar os cavallos durante as paragens; offerecem, para a extincção dos cães vadios,apparelhos cuja base é o chloroformio, evitando soffrimentos inuteis; trazem, em serviço diurno e nocturno, automoveis para conducção dos animaes feridos ou dentes; promovem emfim aos animaes, sobretudo aos que trabalham, uma protecção efectiva, constante, segura.

Nos jardins publicos da capital franceza os passaritos pairam tranquillamente na terra e participam, descuidados, do *lunch* das creanças. Ali o animal nunca é bravo porque não tem de que o ser.

Em Madrid o acontecimento fundamental, culminante, agitador entre todos, é a tourada; sobretudo se n'ella houver duas ou tres *covidás*. E' para essa festa de barbarie que as mulheres se engalanam mais

vistosamente de mantilha e flores; que os homens juntam, com mais sacrificio aos seus habitos perulários, as suas melhores economias. Por diante do *Retiro*, na *calle de Alcalá*, os que não tem dinheiro apinham-se em filas compactas, que os guardas contém por vezes a custo, para cravar olhos avidos, ciosos, nos felizes que voltam da praça.

Nas recentes festas do juramento do rei, annunciou-se, para attrahir *fouaderos*, que se matariam em Madrid com touros. Não averigüei se se mataram tantos. Mas houve dias de duas touradas.

Mas peor que isto é ainda a festa classica dos *pueblos* na provincia hespanhola: *el toro*. Este adioso espectáculo toca as raízas do selvagismo bestial, sem o mais leve vislumbre de arte que o resalve. Vem um dia santo de devoção. A povoação hespanhola prepara baillaricos e musicas; e, se consegue reunir em subscrição 50 a 60 duros, compra o bicho martyr, e goza a folganza das folganzas: *el toro*.

Fechem-se as aberturas à praça mais adequada do logar. As janellas das casas são os camarotes. Cae ali a povoação em peso, as autoridades, toda a gente dos arredores. O misero animal é introduzido na praça. Então, no meio de uma gritaria demoniaca, os latagões mais forçosos da terra, absolutamente ignorantes da arte de tourear, saem a terreiro munidos de umas longuissimas varas com ponta de ferro, e bestialmente espieçam o touro, n'um desmando de barbaridades em que entra muitas vezes a de lhe espetarem os olhos. Acaba o divertimento quando o animal nem já para aquella chassina n'um corpo. No dia seguinte distribue-se a carne. E aquella boa gente tem ainda o gozo de devorar fides de touro em logar de *cocido* de cabra. Se occorre passar então por ali um d'estes grupos de toureiros famintos, de quarta ou quinta classe, que percorrem sempre a provincia hespanhola, os da terra recebem-n'o de mau cariz, às vezes a *palo*s.

«Compraram o touro para divertir-se» — berram, convencidos — «não para que se dicirtam os toureiros. E a auctoridade, que tambem tem parte na subscrição e na respectiva distribuição dos hifes, reconhece tacitamente este direito.

Mas que admira isto, afinal, n'um payso que tem ainda os combates de feras e os combates de gallos?

Nunca em Madrid, no *Retiro* ou no frondoso arvoredo da *Moncloa*, os passaros se approximam ou consentem que nos aproximemos. Porque? Basta a explicação que encontramos n'um recente artigo do vigoroso periodista sr. Eusebio Blasco em *El Liberal*. Madrid devora avidamente passaros fritos. Por todos os arredores d'esta bella capital, nas provincias em que ha arvoredo, sobretudo na Ex-

tremadura, apanham-se quantos passaros se podem apanhar para satisfazer o guloso appetite dos madrilenos. Afirma o sr. Eusebio Blasco que só um industrial cuja casa faz esquina entre a *calle del Principe* e a *del Prado*, consume durante o anno trinta mil passaros, dando a ternura, até veneração de outros povos pelos passaros que tantos beneficos prestam ao reino vegetal, commenta o sr. Blasco: *Nuestra raza es feroz, por lo mismo que es, en su mayoría, ignorante.*

Mas onde me ficaram os tres typos historicos? O leitor, se, como eu, se interessa por estudos biologicos feitos *in animal rili*, bem me pode perdoar a divagação que não foi voluntaria. Eu estou até n'um d'estes momentos de misanthropia em que nos comprazemos mais de tratar com brutos do que com homens. F. aproveito a disposição para estabelecer um corollario que passo a demonstrar com factos authenticos, ligados a tres affectos que deixei em Portugal: «Os animaes têm tambem as suas idiosyncrasias; e o meio actua n'elles, material e sentimentalmente, como no seu vulgar tyranno, o homem.»

Rosa Bonheur, na sua intimidade com as selvas, devia ter auscultado muito d'isto.

Henriette Ronner, a celebre pintora allemã, que suprehendeu o gato em todos os seus graciosos requebros e posturas, crendo essas reputados quadros que deixou por Dusseldorf, Paris, Hollanda e Bruxellas, atravez da sua nobre e laboriosa vida entre o pae cego e o marido incapacitado por doença, narra sem dvida algum valor ao esboço de *psychologia felina* que vou pedir ás minhas reminiscencias patrioticas.

O *Maceo* era um maltez, assim chamado, creio, pela cor do pello,



Os bispos portugueses — Quadro existente na Bibliotheca de Évora

bastante comparável á de um simio. Quando veio para a casa da rua dos Prazeres já trazia aquelle nome. Fuzera-lhe o dono, o sábio dr. J. Rodrigues, na gaveta de cuja secretária, sempre aberta, elle rousurara durante annos, enquanto o outro profundava os tenebrosos segredos da chimica.

As partir para o Brasil o doutor deixou aquella predação ás senhoras da rua dos Prazeres.

Nunca se chegou a averiguar ao certo se, de convivência tão intellectual e culta derivara para o macaco aquella serie de qualidades e tendencias que formavam marcadamente a sua maneira de ser, e que eu nunca observei em nenhum quadrupede de sua nem de outra especie. Elle reunia todos os attributos da educação refinada que compõem o delicado e o egoista. Tinha todas as distincções *peacose* — releve-se sem o adjectivo — até a dignidade da indumentaria. O seu traje era todo rigorosamente de uma só cor — cinzento azulado. O pelo, de um assestado oriental, devia o seu meticoloso acceio á mais rosada e mais activa das linguas.

Esguio, flexivel, possuindo no mais alto grau a elegante sinuosidade da sua raga, podia classificar-se o tipo genuino da aristocracia felina. Muito grave, nunca arranhava; como tambem nunca lambem, nem afagou. Conscio de incontestada superioridade, deixava-se querer com certo desdém tranquillo. Não mudava de logar, ainda que o ensotassem. Estava certo de que isso não lhe accreteraria desgosto.

Nunca na sua vida audia ao chamado de ninguém. — «Macaco! Macaco! Psch, psch, psch!» — Escusavam de se cançar! se sobre a almofada predilecta, elle olhava um momento entre somnolento, e matreiro; depois, accentuando bem o seu desprezo, passava o braço sobre o focinho, e, como quem diz «Espera, que já vai!» encroscava-se mais nas profundezas do sonho que ás vezes o agitava nervosamente.

Comia pouco, sempre com escrupulosa limpeza. Havia pratos de sua predilecção: bacalhau guisado com batatas, coelho de qualquer modo, salmão, peixe de escabeche, pão de fé, carne crua... Tudo havia de vir em prato meticolosamente lavado. Senão rejeitava. Bebia agua na sala, em uma taça de porcelana fina. Quando tinha sede, saltava á mesa. Se na taça não havia agua, esperava. Ao passar alguma das senhoras, elle miava uma reclamação. E esperava até encontrar-se servido. Queria sair da sala? Espreguiçava pela porta acima o seu vulto esguio pedindo que lhe a abrissem. Satisfeito o desejo, articulava um mio, repencado, manso e tremulo, que, na pragmatica felina a que elle tinha accedido, devia querir dizer: «Ora muito obrigado!» — Para entrar, uma voz, um pouco parecida a esta, que as senhoras traduziam assim: «Se me fizessem o grandissimo obsequio de abrir...»

Nos mios do Macaco havia, sem nenhuma duvida, uma gradação intencional. Aquillo não era bem palavra; mas tinha claramente sentido. As vezes, ao encontrar-se só no pavimento inferior — a companhia dos creados para elle não era companhia — saia á escada e dava dois ou tres miaus, estridentes, alterados, de mau humor. Isto queria dizer: «Então, que é isso? Hoje não se pensa em vir cá para baixo?»

O qual era constantemente invadido por uma verdadeira cafila de gatos errantes, vadios. O Macaco sentia por aquella chusma o desprezo e repugnancia que a gente limpa, de bem, sente pela infima canga metta com elle, ou até se entre uns e outros se arrama arranhada supplica que evidentemente significavam: Acendam, acendam, amigos. Ai, que esta quadrilha de malfetores dá cabo de mim. As senhoras acorriam espavoridas, os meliantes punham-se em fuga cada um por seu lado, e o bom do Macaco voltava á posse serena dos seus territorios, onde havia arvores que elle trepava com uma ligeireza e elegancia nunca vistas.

Um dia — infelizmente não recordo a data — as senhoras começaram a notar um facto estranho. D'entre a caterva felina, o Macaco distin-

guiu complacientemente um individuo. Via-o com bons olhos; não levava a mal parlicilar com elle a soalheira do terraço junto á casa; e começava a inicial-o na arte de trepar ás arvores em que elle estimo.

O outro era um polebreto, magro e humilde, com o dorso preto e o peito branco, que as fomes padecidas firavam-lhe completamente o gosto pelos cuidados da limpeza...

Na barba tinha uma grande malha preta, signal que differenciava de outros brancos e pretos, talvez seus primos, que por ali andassem. Foi motivo para que as senhoras deixassem em breve de chamar-lhe *O Barbichas*, passando a denominar-o mais subjectivamente *O Barbichas*.

Certa manhã um acontecimento estranho elevou de repente o Barbichas a uma situação a que elle decerto na sua sympathica modestia nunca teria aspirado.

Um dos gatos pretos e brancos, apparecia no quintal dando uns mios debis, abafados, sacudindo desesperadamente uma caixa cilindrica de lata, onde conseguira introduzir a cabeça e que o tinha filado pelo gasneto como garra inflexivel. O supplicio durara muitas horas. Um crendo dizia ter visto na vespera ao deitar-se um gato que fazia os mesmos movimentos. Pelo escuro da noite não pudera distinguir de que se tratava. Era um simples episodio do negro drama da fome. Seduzira o pobre Barbichas o cheiro tentador de uma lata esvasiada de salmão inglez. Com esforço conseguira metter a cabeça, procurando attingir o fundo. O supplicio de Tantalos requintado!...

Foi difficil livrar a cabeça do Barbichas d'aquelle incommodo appendice, o peacoso ficou-lhe muito maltratado. O operador correu risco de fortes arranhões.

Não conservo na memoria se o Macaco, em tão commovente lance manifestou algum interesse amistos. As senhoras, essas sim. Desde aquelle momento resolveram dar sempre almoco e jantar ao Barbichas, se conseguissem domestical-o.

Não foi ardua a empreza. Ao primeiro aceno acolhedor elle parecia sempre dizer: Por isso estou eu morrendo! Nunca deixou de acendir promptamente ao chamado.

Foi assim que, decorrido muito pouco tempo, o Barbichas estava reconhecido um *habitué* do terraço, com a sua odiosyneracia declarada, os seus costumes quotidianos, a sua maneira de ser marcada e regular.

Vulgarote, sem sombra da distincção aristocratica do Macaco, elle tinha porém soberanamente aquelle attributo que os hespanhoes chamam *don de gentes*, e que consiste em um animo espontaneamente social que atrahie de improvisio sympathias.

Vivia no terraço brincando doadamente com o Macaco, que nem pelo entusiasmo dos folgozes perdia a sua linha de *grand seigneur*. Lembra o menino fidalgo com ares de superioridade imperativa o filho do servil que veio ao palacio divertil-o.

Circunstancia cada dia mais notoria era a amabilidade e meiguice do Barbichas, em flagrante contraste com o preciosismo requintado e indolente indifferença do Macaco.

Em sentir as senhoras no terraço, e o Barbichas logo aos seus pés dando voltas e cabriolas, como a dizer: «Acreditem, eu sou amigo; eu sou o bichano mais agradecido que o sol alumia.» Por isso tambem as refeições, preparadas geralmente á mesa, no fim do almoco e jantar, foram rapidamente melhorando em condições. Servil-o era simples. Bastava tamborillar um momento na porta de vidro. Apparecia logo, correndo, pateava o impaciente appetite em curvetas e tregetos á volta do prato oloroso. O que esperava o Barbichas? A festa. Esperava que lhe passassem não uma ou duas vezes pelo dorso com o canivete. Cumprido esta phrase, elle atirava-se a comer gulosamente, com muito mais gosto e muito menos correcção do que o impecavel Macaco.

Terminada a refeição, lambido e relambido o prato se o menu era de preferencia, mandavam-lhe que saísse e obedecia immediatamente, sem protesto. Certos habitos derivados da vida nomada tornavam perigosos a sua permanencia em casa. Nem elle o appetecia, o selvagemzito. *Comida feita companhia desfeita* era um preceito que elle assimilava perfeitamente.

Chegado o inverno, as senhoras começaram a sentir magoa de que o protegido soffresse as inclementes noites de tempestade pelos quintaes e telhados. Mandou-se-lhe fazer uma casita de madeira em cujo solo se estendeu uma camada de boa palha. O Barbichas comprehendendo logo que aquella dependencia era destinada ao seu uso e conforto particular. Em casa era geral a crença de que elle nunca mais appareceria chuva. Fez-se varias vezes a experiencia. Caia inclemente aguaceiro? As senhoras tamborillavam na porta de vidro. O focinho rosado do Barbichas, apontava instantaneamente á porta da guarita, querendo sem duvida dizer: «Sim senhor, cá estou. Até logo.»

Sem trato de civilização, ao principio arranhava sem querer. Em poucas lições, com meia duzia de piparotes, aprendeu a encolher as unhas fazendo patas de velludo.

Quando se apanhou gordo, roliço, forte, ataviado já com as colleiras usadas pelo Macaco, resolveu li de si para consigo limpar o terraço da gataria intrusa. Era ver assumir algum. Logo uma carreira implacavel atraz d'elle. «Eh! Fôra. Fôra!»

Mas, atravez da sua prosperidade, as qualidades subjectivas resultavam sempre: intelligencia viva, doçura inalteravel, muita lamborice, persistente indifferença pelo acio.

Descobriu-se-lhe um dia um amigo plebeu. Era um preto, escanzado, esqualido, a trocar as pernas de fraqueza, com uns olhos verdes muito debetados, muito tristes. O Barbichas nunca o enxotava. Consentia-lhe até que se abrigasse da chuva entre os ramos verdes que forravam as paredes do terraço.

As senhoras começaram a chamar-lhe *Pedro Caruso*, de não sei que miserando personagem do repertorio do Novelli.

Um dia o *Pedro Caruso*, do meio da sua apathica tristeza, emergiu para a pratica de um acto que o recommendou definitivamente ao carinho da casa.

Depois de refeição opipera, comida com delicias de grande glutão



HENRIETTE RONNER



QUADRO DE HENRIETTE RONNER

que era, o *Barbichas* saía ao terraço esprenguando-se. Vae-lhe ao encontro o amigo *Caruso*, de ventas proeminentes, péssimo esqueleto muito estendido. E, triste, paciente, resignado, põe-se a lambear com methodo e delecto o focinho do *Barbichas*, onde ha claros vestigios do banquete.

Com isto ganhou o *Pedro Caruso* almoço e jantar para a vida. O caso enteneceu a familia e não era para menos. Alli o pathetico attingia proporções descommunes.

Pobre *Caruso*! As fomes e a desgraça teimosa já o tinham inutilisado para a alegria, para o saber gostoso de viver. Comia sempre pouco e bebia grandes quantidades de agua. O seu regadio era levar horas estatelado no terraço. Nunca trepou a uma arvore nem emprehendeu a brincadeira. Chronicamente desconfiado; chronicamente assustado; não osando acreditar na felicidade. Nunca entalhou relações com o *Macao* que parecia nem sequer dar por elle. Se o *Barbichas*, ao passar, matreiro, lhe dava uma sapatada tomava aquillo a mal. Era logo — «Pfe!»

E assim, durante annos, viveram lado a lado estas tres creaturas felinas, seguindo cada uma o seu destino, revelando qualidades proprias e a profunda, porém sempre limitada, influencia do meio.

Já não são d'este mundo nem o *Pedro Caruso* nem o *Macao*. O primeiro faltou um dia e nunca mais voltou. A morte, coherente, foi colhel-o no abandono de algum telhado ou quintal extranho. D'ahi em diante havia sempre muita agua no alguidar. Já lá não estava aquella grande sede que lhe baixava promptamente o nivel. E esta circumstancia insignificante não deixava esquecer o infeliz *Caruso*.

Depois de uma semana de fastio absoluto, passada tranquillamente n'uma almofada, sempre elegante e limpo, sem se queixar, sem incommodar ninguém, sem desmentir nunca o sentido esthetico, a que parecia obedecerem todos os seus actos, o *Macao* rendeu tambem... exhalou o ultimo suspiro na sua casa da rua dos Prazeres.

Jaz sepultado á sombra da nespreira que tantas vezes trepou na grama inolvidavel da sua flexuosa carreira.

Apenas sobrevive hoje o *Barbichas*. E' um roliço exemplar da raça, feliz, vulgarote, muito meigo, muito lambão sempre apesar da abundancia que o cerca, muito Sabeo Panga, mas coração firme e leal, com as suas relações completamente cortadas com os felinos desde a perda dos extinctos amigos *Macao* e *Pedro Caruso*.

A vida dos animaes, quando bem observada, impressiona sobretudo — pois não é verdade, senhores philosophos? — pela intima relação e parecença que tem com a vida humana.

Madrid, julho, 902.

CATEL.



AOS BOERS

Ides partir p'ra a vossa terra bella!...
Ide! Ao deixar a terra portugueza,
Passado o Algarve, encontrareis a estrella
Dos Reis-Magos, no ceu, de novo, accesa.

Guiar-vos-ha, entre palmas e entre ramos,
Longe de nós, a linda estrella ideal...
Até lá basta a prece que entoamos!
Até lá basta o ceu de Portugal!

Sêde felizes! A' vossa alma forte
O que trouxe a bandeira d'Inglaterra?
Continuareis amando até á morte!
O que ides encontrar é a vossa terra!

São os que eu amo aquelles que aqui estão,
As nossas crenças só as verdadeiras
E o mundo o que nos vae do coração,
Em ancia, até á linha das fronteiras.

Mundo que o mar aperta n'um abraço,
Gritando em tudo a nossa intrepidez,
O que fica p'ra além? mais um pedaço
De terra aonde o sol não dá talvez!

Com as ondas aos pés, sempre a procella
Ao pé, é claro que ha-de haver escolhos;
Os nossos lindos corações á vela,
E' o mar apenas que nos molha os olhos.

Terra d'heroes e de poetas, canta
Tudo em nós hoje uma doirada esp'rança;
Até as pedras nosso olhar levanta!
Até as almas nosso amor as cança!

Luctar, vencer! n'um peito de soldado
E' onde bate o coração mais puro...
Que diz a Historia? a gloria do Passado!
E o Passado? a certeza do Futuro!

Isto o que eu penso e toda a gente sente,
Isto o que está dentro de vós, Irmãos,
Que brandis uma espada como a gente
E, como nós, ergueis, p'ra o ceu, as mãos.

Mas d'este forte e glorioso povo,
A' terra onde descansam vossos paes,
Alguma coisa vos levas de novo,
E' a saudade que d'aqui levas.

Terra santa, que olhastes tantas vezes,
Vós longe a lembrareis, já a choraes!
Tereis saudades como os portuguezes,
Que têm essa palavra e poucas mais.

GUDES TEIXEIRA.



As nossas gravuras

Em Pelotas — Dois croquis do natural, spanhados á faina diaria do Brasil. N'um, o trabalhador sempre na sua tarefa invariavel; em outro, a brincadeira quotidiana de dois pequenos, á roda do grosso tronco da arvore.

Uma regata preparatoria — O Real Club Naval de Lisboa realisou um d'estes domingos uma pequena regata entre os seus socios. Ensaio para lucta maior, no começo do outono que vem proximo.

O accessor de Santa Justa-Carmo — Eil-o, já prompto, e em plena exploracao. As cabines por dentro são elegantes e espaçosas, e correspondem plenamente á elegancia artistica da torre que é um dos trabalhos mais perfectos da nossa industria em ferro, e ao bem lançado da ponte que liga a torre á muralha do Carmo, dando accessos aos passageiros para o largo do Carmo. Quando se lançou essa ponte o *Brasil-Portugal* teve occasiao de se referir ao trabalho monumental de Kail Mesnier, inserindo um artigo descriptivo firmado pelo illustre escriptor L. F. Marreca Ferreira. (Ver n.º 64 de 16 de setembro de 1901).

Dr. Lourenço da Fonseca — Em pleno vigor da vida, e de uma vida de trabalho e abnegação scientifica, falleceu este illustre clinico, especialista de moléstias de olhos, tão conhecido em Portugal como no Brasil, sobre o qual deixa importantes livros. O dr. Francisco Lourenço da Fonseca voltara agora de Buenos-Ayres onde começara a soffrer do fígado. Durante a viagem, o mal aggravou-se e nove dias depois de ter chegado a Lisboa, morria n'um quarto do hotel onde se hospedára.

Entre os livros que deixa, prova do seu alto valor intellectual como homem de sciencia e como homem de letras, citaremos a *Flora brasileira*.

Uma vivenda no Rio de Janeiro — E' a reprodução de uma linda vivenda brasileira, destacando-se n'um fundo todo de verdura que cresce exuberante, espalhando ao redor a frescura que a aragem não dá.



Um avaro não é bom para ninguém, mas é cruel consigo.

O que os principes aprendem melhor é a equitação, porque o cavallo os não honjeia.



Os leitores viram acaso por ahí o verão? A Chronica não o lobbri-gue sequer ainda. Debalde tem perguntado ao julho e julho incolemente e frigidamente responde-lhe quando muito, ahí pela volta do meio dia, com uns raiosinhos mais quentes de sol. Mas depois o azul celestial escurece, as nuvens desfazem-se em vento, a gente agarra no paletot e em vez de ir tomar neve ao Ferrari recolhe a casa para tomar chá, e julho vai já no seu fim, bate à porta o agosto tropical, e a respeito de verão, era uma vez. Foi tempo em que o estio abraçava, e se ia passar a noite para a Avenida ou para S. Pedro de Alcântara à procura de uma brisa...

Que ainda lá verão é incontestável; onde elle anda, é que se não sabe. Mudou-se, com certeza, mas para onde? Dizem que não deu parte da mudança, talvez, para não pagar decima, com medo dos sellos e das multas que a todo o instante e por todos os motivos, se exige agora desde que se criou uma Inspeção Geral dos Impostos.

Se foi realmente para não pagar impostos que o verão fugiu do nosso paiz, teve muito juizo, porque em Portugal, um dos problemas mais complicados está sendo sem sombra de dúvida o do imposto. Entrou-se em pleno regimen do sello, concedendo-se á Inspeção respectiva e ao enorme batalhão de fiscaes seus, os direitos mais descreiosos desde o invadir-nos a nossa casa até o levar-nos para a estariam. Até aqui um transgressor sabia que lá para a juizo; hoje não sabe já onde vai parar, mas fica logo sabendo onde vai parar o seu dinheiro.

Francisco I dizia que o Estado era elle, em Portugal agora, o estado é o imposto, com uma guarda pretoriana de fiscaes de todas as classes. Naturalmente na febre de multar a torto e a direito, ameaçam talvez o pobre do estio que — na sua qualidade de estação dos pobres — teve de fugir por não ter vintem para lhe dar.

Fel-a bonta, o Sr. Imposto. A fuga do verão representa para o nosso paiz, n'este momento critico, um prejuizo incalculavel. Desde a industria do gelo que tem sido uma enorme quebra, até ás lojas de modas que estão cheias de fazendas ligeiras e de chapéus de palha, a *dégringolade* é geral. O café Martinho já não faz sorvetes, os kiosques do *Lojale* já não fazem limonadas, e os poetas já não fazem versos... á lua Lisboa deixou-se ficar na capital, á espera do verão e como elle não chegou, ella não partiu para o campo. Ao contrario de Sotto Mayor que um vez appareceu no Parlamento, em dia medonho de chuva, todo de ponto em branco, exclamando ironico: — eu faço o meu dever, não tenho culpa de que o tempo não faça o seu, Lisboa aproveitou-se do feio procedimento de junho e de julho e deixou-se ficar em casa, á espera do sol abrasador, das noites serenas, e da agua fresca.

E naturalmente quando tudo isso lhe apparecer, dirá com os seus botões: Ah! sim, pois agora não saio já; e se ainda alguma vez sentir calor, mette-se n'um carro electrico, que é onde se apanha fresco a valer, e vai dar um passeio.

E' claro que não há regra sem excepção e deve-se abri-la para as Thermas...

As thermas! Aqui está uma coisa que d'antes não havia por cá, o que talvez não seja para admirar, visto que d'antes tambem não havia tanta necessidade d'ellas. Não queremos affirmar que sejam as aguas que fazem as doenças, para as quaes se recitam depois as mesmas aguas, mas como observadores e como chronicistas, não podemos deixar de frisar que desde que se inventaram thermas para todas as affecções que intestinalmente apouquentam a humanidade, começou logo toda a gente a soffrer dos intestinos. Por certo que não se pretendia fazer-nos crer que os nossos avós não tinham fígado nem estomago, o que a chronica pretende demonstrar é que elles não soffriam d'estes orgãos pelo simples motivo de que a agua, se a bebiam, era apenas do Carmo ou do Chafariz de El-Rei, agua em que ninguém já falla e chafariz o que não sabemos bem se ainda existe.

As thermas, quanto a nós, são uma moda tendente a desenvolver o commercio, e como tal accettamolas e sentimo-nos até dispostos a fazer-lhes realce. Mas não são mais nada do que isso. Se tentarem persuadir-nos de que são um remedio, protestamos em nome da pratica. Eu bem sei que a medicina as aconselha e se recita, mas a opinião da sciencia está tão dividida em materia thermal, que o melhor a fazer é considerá-las apenas uma d'essas modas importadas do estrangeiro, e que exactamente porque são moda, apparecem e desaparecem, chegam, duram pouco e morrem, sem se saber bem porquê. Assim como hoje as melhoras usam a cintura curta, e hontem a usaram comprida para amanhã tornarem a usar a mais comprida ainda, sem explicação, sem regra artistica, sequer, assim as aguas são hoje boas para o fígado, e

amanhã já o não são, segundo o capricho da nossa modista ou do nosso assistente.

Para a chronica o figurino depende do humor de quem o decreta. Se amanhã Mimi Pinson ou alguma outra soberana da moda se lembrar de implantar novamente a saia de balão, é que toda a gente vai ao baile ao vindima. Não sabemos até se com meia d'algodão, como diz a quadra popular. E se amanhã o sr. dr. Antonio de Leucastro ou o sr. dr. Carlos Tavares entenderem que a melhor agua para curar os males da humanidade, é ainda a agua do Alviella, a companhia das aguas não tem remedio senão arranjar uma nascente ahí em qualquer ponto bonito, arranjar-lhe um hotel com dieta, e comboios a preços reduzidos, porque o Alviella matará Vidago, as Pedras Salgadas, Entre Rios e todas as thermas até agora mais ou menos afamadas para a gente voltar de lá com peso a menos e fome a mais.

A verdade é esta. Cada medico tem as suas aguas predilectas, como tem o seu reccutuario. Não é raro ouvir dizer:

— Vinho? Vinho não beba, faz mal, irrita.

Sabe-se logo que o doutor não tem vinho e embirra até com ellas.

— Caffé? Caffé é um tónico esplendido! Mal ao nervoso! Qual historia! Mal aos nervos faz não o tomar.

E' pela certa que o medico é accionista de qualquer das companhias agricolas africanas que representam hoje no nosso mercado bolsista o papel que em tempo tiveram as companhias de minas.

Eu já vi um medico curar doentes atacados de typhos, com bello caracadio. Os doentes salvaram-se, ou verdade, mas ficavam com tal enjôo á bebida, que nunca mais eram capazes de tomar sequer dois decilitros.

Com as aguas nacionaes succede ainda á sociedade portugueza uma cousa muito singular. São esplendidas, mas melhor ainda. Se o doente é de posses, as de Vichy, as de Contrexville são melhores. Agora se não quer gastar muito dinheiro na viagem, então as do Gerez são magnificas. Do que se tira este corollario logico — é que a necessidade do uso das aguas está na ordem logica da fortuna de cada um — o que é uma verdadeira pechincha, porque o pobre que não puder viajar, pode beber apenas a agua do contador, que se lhe não fizer bem, mal tambem lhe não fará. Agora se alguma vez cahir em tomal-as na sua origem, então é pela certa, o mal aviva-se-lhe e nunca mais poderá, na opinião da medicina, deixar de as tomar...

E deve de ser assim. Uma vez, há annos, passando como *touriste* pelas Caldas da Rainha, cujas aguas são afamadas para doenças reumaticas, a Chronica pondeu ver que a temperatura da villa, ainda em pleno estio, era tal que mesmo não se tomando banho, sabia-se de lá encharcado, tal é a humidade e a cacimba que cahem, especialmente á noite.

— Pudéra, dizia-lhe então um alto espirito que era ao mesmo tempo um rheumatico chronico. Está ahí o segredo das Caldas. E' que cura os doentes, e transforma em doentes os sãos.

Assim era: A gente ia lá como *touriste* apenas para passar na Copa ver dansar no Club e sabia de lá como doente, com dores pelo corpo, e sem movimento nas articulações. E' este mesmo segredo arranjaram as Caldas da Rainha uma geração de rheumaticos com larga descendencia que lhes assegura futuro prospero. A iniciativa local fez o resto: atriabi os doentes, pela fama das aguas e as familias respectivas, pela fama do Club. Os avós levaram os filhos, estes levaram os netos, e tanta vez lá foram dançar o *pas de quatre* que acabaram por dançar... com dores reumaticas. D'ahi, toda essa geração de rufiões. A grande percentagem dos *dilletantes* das Caldas, apanhou lá o rheumatismo, e ainda lhes ficou agradecido, porque se divertiu...

E' isto o que está succedendo nas outras thermas, o que acontece lá fóra e o que explica por conseguinte toda essa febre de gente que parte e de gente que chega, apesar do verão não ter apparecido ainda...

Que d'antes não havia tanta doença, é uma verdade incontestavel e incontestada, verdade que resulta ainda dos progressos ou das caminhalhas da sciencia chirurgica com respeito a outros males.

Dirão, mas d'antes soffria-se da mesma fórma, e morria-se tambem. Sómente não se conhecia nem a causa do soffrimento nem a razão da morte.

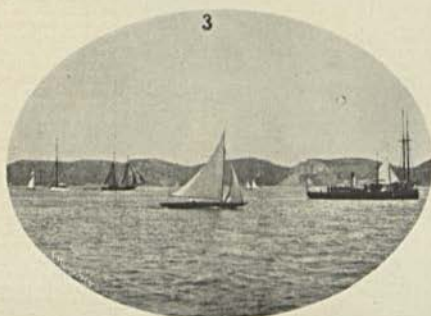
Ora muito obrigado, se eu tenho de soffrer por força, o que ganho em saber o que me faz soffrer, e se morro, menos ainda me importa saber o que me mata.

JOÃO COSTA.



Uma regata preparatória

REAL CLUB NAVAL DE LISBOA



1.º — O palhete «Dinorah» do contra-comodoro do club, dr. Manuel de Castro Guimarães. 2.º — O bulb-kcel «Naiade», do sr. Carlos Bleck
3.º — Um bulb-kcel em regata. 4.º — Um offriger do club. 5.º — Depois d'uma chegada de remos
6.º — As chalupas «Estrela» do sr. Carlos Luiz e «Queenie» do sr. Arthur Duarte Pereira, virando pela proa do «Dinorah». 7.º — D. da bulb-kcel em regata
8.º — Lygia, guila de 6 remos, vencedora

Por uma flôr

I



conde de Clairville acabou de dar a sua única filha em casamento ao marquês de Kergouet, de uma nobre e alta família da Bretanha.

A cerimonia acabára e as portas da igreja estavam abertas de par em par, mostrando o altar-mór ornado com flôres e luzes, e no limiar engrinaldado apparecia o par juvenil, enquanto os sinos repicavam alegremente. Toda a natureza parecia estar em apparato festivo, porque os suaves aromas da primavera enchiam o ar, os passaros da floresta cantavam alegremente, e os enraios do sol cahiam como uma auréola nas frentes do noivo e da noiva. Ella era linda e graciosa, e com o seu vestido branco e o seu veu nupcial parecia um anjo descido do céu; o noivo, nobre e cavalheiresco, olhava com inexprimivel amor para a formosa rapariga que se encostava ao seu braço.

O povo dos campos vestia os seus fatos domingueiros, os homens com rosetas nas casacas dos botões, as mulheres com lyrios de valle nos corpetes, e todos agitam ramos de espinheiro floridos e faziam ressoar nos ares as suas aclamações.

— Viva a menina Yolanda! Viva a noiva! Deus abençoe a nossa querida e doce menina! gritavam elles, e de vez em quando accrescentavam: — Viva o marquês!

A igreja de Clairville dominava a aldeia, e era construida na eminencia de uma rocha, a que se ia ter por um ingreme e sinuoso caminho; ricos e pobres, nobres e plebeus, mortos e vivos todos tinham de entrar na igreja pela "Estrada do Paraíso". O cortejo nupcial, resplandecente de ouro e seda e velludo, e seguido pela multidão que o aclamava, desceu por uma rustica vereda para o sitio onde as carruagens estavam esperando, e o noivo, agradado com o enthusiasmo da população e com o seu evidente affecto pela sua noiva, disse-lhe terminantemente:

— Va, meu amor, como este povo lhe quer? Nunca a hão de esquecer. Receio que me perdem o roubar-lhes o seu anjo bom.

A noiva sorriu-se e levantou por um momento os seus bellos olhos para o rosto do marquês, e depois voltou-se para seu pai, dizendo:

— Está um dia bonito, papá; não podíamos ir a pé para casa? — De certo, minha filha, se assim o desejás, respondeu elle contente por ter uma occasião de se agradar a sua filha de quem se ia separar em breve, e por conseguinte o par nupcial e todas as pessoas juvenis do grupo seguiram atravez da aldeia para o castello de Clairville, que ficava do outro lado, enquanto as pessoas de mais idade seguiram de carruagem.

Yolanda, encostando-se ao braço de seu marido, parava repetidas vezes nas humides cabanas onde os pobres velhos e velhas, que a idade ou a enfermidade não deixavam sair, estavam esperando ás portas para vêr passar a noiva. Para cada um teve uma palavra e um sorriso, e muita mão tremente e fraca, muita voz debil se levantou para a abençoar.

A alegre procissão chegava a uma volta na estrada estreita e teve de parar, porque encontrou um enterro. Era um funeral pobreissimo; não havia cordão ou brazão na branca mortalha que cobria o cadáver de uma rapariga, sem uma flôr, sem um botão se-

quer, apesar de se estar em plena primavera. Atraz do caixão, um homem pobremente vestido, o unico que formava o prestito, seguia vagarosamente, parecendo, com a sua cabeça curva e com o seu rosto tapado com as mãos, a viva imagem da desesperada dôr. Ao vêr o cortejo nupcial de Clairville, os homens que levavam o caixão pararam, e quiseram sair da estrada, mas o homem de luto levantou a cabeça e olhou ferozmente para esse grupo feliz, que com os seus ricos vestidos de gala e com as suas faces sorridentes parecia insultar a sua tristezza.

— Sigam, disse elle com uma voz aspera para os que levavam o caixão, como se tivesse um gosto immenso em esmagar aquelles bellos senhores e senhoras com os seus pés: mas os homens não se moveram. Então o conde deu um passo para diante, dizendo gravemente:

— Respeitem os mortos, amigos! Affastem-se e deixem passar o caixão.

Foi immediatamente obedecido, e o funeral seguiu por entre a turba, ostentadamente vestida, que abriu caminho reverentemente, as senhoras persignando-se, os homens tirando os chapéus. Quando o caixão passou ao lado da noiva, sentiu-se esta cheia de piedade ao vêr a fôrma juvenil e immovel debaixo da branca mortalha, e tirando uma haste de flôr de laranjeira do seu ramalhete, pôo gentilmente em cima do caixão. O homem de luto viu esse acto, e a sua expressão asperma amaciou-se um pouco; depois, tapando o rosto outra vez, rompeu em soluços.

— Quem é este homem? perguntou o conde de Clairville.

— Não sei, meu senhor, respondeu o homem a quem elle se dirigia. E de fôrma para a estalagem ha dias com sua irmã. Parecia ser muito amigo d'ella, e quando ella morreu praguejou como um hereje e ergueu o punho para o céu. Esta manhã disse-lhe eu que era cedo para o enterro, e que elle devia dar tempo ao prior para mudar de estoia depois do casamento, mas elle não me quiz dar ouvidos.

O cortejo nupcial seguiu para diante e logo os alegres repiques da igreja se mudaram em dobles funereos, quando o caixão passou por baixo dos alegres enfeites floreados do portal.

— Quem é aquella joven senhora? perguntou o irmão da morta a um homem que encontrara.

— A noiva? E' a menina Yolanda de Clairville, responderam-lhe.

E o estranho murmurou brandamente:

(Que seja bem feliz!

E entrou na igreja.

II

Passaram vinte annos e começou o reinado do Terror. Na Vendéia estava a guerra no seu auge quando a Convenção mandou um dos seus membros a Nantes, com instruções para tomar violentas e rapidas medidas contra os realistas.

Por conseguinte esse homem, chamado Carrier, fez com que um grande numero de suspeitos fossem encerrados no Entrepôt, edificio proximo da cathedra de S. Pedro; homens, mulheres e creanças foram arrojadas, em misturada, para essa ante-câmara do Loire, e apesar das *noyades* diarias, ao rio todos os dias se enchia de cadaveres, todos os dias a cadeia se atulhava de presos.

N'uma grande sala baixa presidia o terrivel proconsul ao irrisorio tribunal. Os presos eram divididos em dois grupos, os accusados e os condemnados; o primeiro grupo diminuia rapidamente, á



O elevador de Santa Justa-Carmo



Dr. Laurence da Fonseca
Médico especialista em moléstias de olhos
12 em Lisboa a 5-7-902

medida que o ultimo augmentava, e afinal Carrier resolveu precipitar o processo dispensando todas as formalidades para dispor das victimas.

Então ouviram-se repetidas vezes as fataes palavras: "Condemnação á morte," á medida que os Realistas eram arrojados para a sala.

— Henrique de Kergouet! chamou o escrivão, e um rapaz de cerca de dezotto annos de idade deixou os seus companheiros e avançou para o tribunal. Inclinou-se diante do juiz com tanto desembaraço e graça como se estivesse na corte em Versailles, e recebeu inconsciente do facto de o estar esperando uma morte cruel.

— E' accusado de conspirar contra a república na pessoa do seu representante, disse Carrier; tomou parte n'uma conspiração contra a minha vida.

O rapaz voltou para quem fallára uns olhos francos e destemidos, e respondeu vagarosamente:

— Devo-lhe a morte de meu paiz. Pago sempre as minhas dividas.

— Henrique! gritou uma voz de mulher com tom supplicante. Carrier lançou em torno de si um olhar furioso, e Henrique de Kergouet foi arrastado para longe. Diante do juiz estavam agora duas mulheres, á mais velha das quaes elle perguntou:

— E' mãe d'aquelle rapaz?

— Sou, respondeu ella, e esta menina é sua irmã.

— Como se chama?

— Yolanda de Clairville, marquiza de Kergouet.

O juiz olhou fixamente um minuto para a pessoa que assim fallou, depois declarou a investigação acabada, e accrescentou brevemente:

— Condemnados á morte todos tres.

Os sentenciados foram então levados outra vez para as suas prisões, e ás nove horas da noite as execuções começaram. Atados á dois e dois, os desgraçados eram atirados para botes, arastados para o rio, e mortos á espada ou á bayoneta, sendo os seus corpos atirados á agua. Este methodo, contudo, não tardou a ser demasiadamente vagaroso para satisfazer Carrier, e fez com que centos das suas victimas fossem levados a uma pe-dreira vizinha e fuzilados.

A marquiza de Kergouet e os seus dois filhos estavam esperando em silencio a sua sorte, quando o carcereiro entrou na sua cella e ordenou á filha que o seguisse.

— Para que nos separam? gritou a mãe.

— Ordens do cidadão Carrier, respondeu o homem; nada de demoras!

Depois de um longo e lacrimoso abraço, a pobre menina deixou a sua mãe e seu irmão, e seguiu o carcereiro á presença do temido proconsul, que olhou para elles com seriedade, e, quando ficaram sós, perguntou vagarosamente:

— Como se chama?

— Yvonna de Kergouet.

— Ama sua mãe?

— Oh! se amo! explicou a rapariga tremendo de terror.

— E seu irmão? O que faria para lhes salvar a vida?

— Daria alegremente a minha propria vida, gritou Yvonna com ardor.

— Não quero a sua vida, criança, mas quero o seu silencio.

— Que idade tem?

— Dezeses annos, senhor.

— Então ainda não aprendeu a mentir. Oiga-me. Aqui está uma carta que eu lhe confio, com a condição de me prometter que não a abrirá antes da meia noite. Além d'isso não deve fallar n'ella a ninguém. Tenho a sua promessa? Muito bem. Vá!

A assustada menina pegou na carta, metteu-a no seio e foi conduzida outra vez para a sua cella, mas antes de ter tempo de responder ás ansiosas perguntas que sua mãe e seu irmão lhe dirigiram, appareceu um homem, com uma pistola na mão, que lhe fez signal que o seguissem e que os levou para fóra da prisão. Então,

impondo-lhes o mais estricto silencio deu o braço a Yvonna, enquanto Henrique de Kergouet amparava o tremulo corpo de sua mãe. Em poucos minutos chegou o pequeno grupo á margem do rio, depois de darem voltas pelas ruas escuras da cidade, e os realistas poderam verificar n'um relance que não estavam longe do ponto onde as execuções d'esse dia se tinham realisado. O seu guia deu um signal, e appareceu de repente saindo da sombra um homem dentro de um bote.

— Entrem! disse o barqueiro com voz baixa, e logo que se sentaram, remou para o meio da corrente.

— Coragem, irmãinha! murmurou Henrique, apertando Yvonna ao coração, e depois esperaram todos serenamente que chegasse a sua ultima hora. Em poucos e breves momentos pareceu-lhes que viviam outra vez a sua vida toda, que sentiam de novo as alegrias e as tristezas de sua remota infancia, assim como as suas recentes provações e sobresaltos.

De subito, viram a distancia o perfil de um navio vagamente desenhado no seu escuro, e approximaram-se d'elle rapidamente, e, antes de se terem recuperado do seu espanto, acharam-se a bordo d'esse navio emquanto o seu ultimo conductor remava para a praia.

— Que significa isto? perguntou Henrique, depois de uma pausa de espanto.

— Significa que estão salvos, respondeu o capitão do navio.

— Salvos? Como? por quem?

— Isso é que eu não posso dizer, minha senhora. Tudo o que sei do caso é que ha poucas horas recebi uma avultada quantia e ordem de esperar aqui tres passageiros que desejavam vir para Inglaterra. A ordem era acompanhada com um salvo-conducto assignado pelo proconsul Carrier. Em poucos dias, com bom vento, estaremos á vista da costa ingleza.

A pequena familia, mal podendo acreditar o que ouvia, entreolhava-se com maravilhoso deleite, e a marquiza de Kergouet murmurou, com uma prece de acção de graças:

— Quem será este nosso desconhecido amigo?

Então Yvonna de subito perguntou ao capitão que horas eram. — Meia noite e meia hora em ponto respondeu elle, e a menina tirou precipitadamente a carta que recebeu, abriu-a, e leu a primeira linha:

"Mademoiselle Yolande de Clairville.

E' para si mãã, disse ella, entregando-a a sua mãã, mas a marquiza entregou a a seu filho pedindo-lhe que a lesse alto. Dizia o seguinte:

"Ha vinte annos no dia do seu casamento, poz uma flor, minha senhora, uma flor do seu ramallete de noiva no caixão de minha irmã. Tinha ella quando morreu dezeses annos apenas.

Desejo pagar a minha divida, e em troca d'essa flor dou-lhe tres vidas — Carrier.

ARTHUR D'ORLÉANS.



Uma vivenda no Rio de Janeiro

União dos atiradores civis portuguezes



Quando se abriu, em Pedrouços, a carreira de tiro da guarnição de Lisboa, e se publicou o decreto autorizando a constituição de associações de tiro, todos acharam muito bom.

Todos, é modo de dizer, porque não faltaram pios agourentos sobre as desgraças que a patria iria acarretar sobre si por fazer o que a Suíça fazia desde muito e as outras nações estavam fazendo; e o caso é que as vozes das cassandras, se não chegaram precisamente ao ceu, chegaram a altas

regiões, tendo sido mister alguma força de vontade e muita dedicação para dissipar o fumo dos terrores espalhados.

Mas, afóra estes timoratos e a grande massa dos indiferentes, se alguns, para quem não era de todo estranha a pratica do tiro, começaram a frequentar a carreira, o que é certo é que ninguém viu o alcance educativo e patriótico do novo estado de coisas.

Haver alguns atiradores habéis, habilitissimos era uma coisa muito bonita; mas educar grande massa de atiradores soffríveis, diffundir pelo paiz fóra o gosto ao tiro com arma de guerra, preparar a geração de amanhã para o que desse e viesse, foi problema em cuja solução ninguém pensou; e ao constituírem-se as primeiras sociedades, pelo attractivo da novidade, mais se ia pensando em disparar tiros de rhetorica em assembléas geraes, do que em disparar tiros de pólvora e bala na carreira; mais havia a preocupação de ostentar vistosas salas ornamentadas com tropheus de armas do que de aperfeiçoar atiradores que, pela sua pericia, dessem nas vistas.

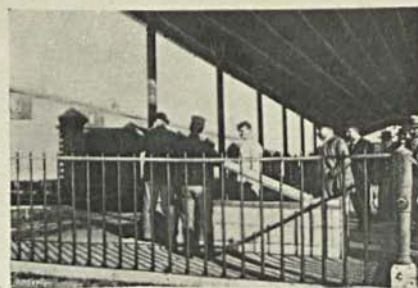
Assim se vegetava, um pouco á mercê do acaso, juntando laboriosamente uma vintena de contribuição dos associados para pagar ao senhorio, á companhia das aguas, á recebedoria dos impostos



Carreira de tiro em Lisboa — A entrada

de renda de casas e mais despesas absorventes, quando, por occasião do centenário da India, e por iniciativa da Sociedade de Geographia, os membros influentes das associações se encontraram, para discutirem em commun; e o verem-se e amarem-se foi obra de um momento, segundo a consagrada phrase do romantismo.

D'esse impulso do mutuo amor nasceu a União dos atiradores civis portuguezes, que, ensinada pelos erros das associações d'onde lhe vinha a origem, rasgou a si propria mais largos horizontes e enveredou pelo caminho pratico para chegar ao fim.



Carreira de tiro em Lisboa — A marquise



Carreira de tiro em Lisboa — Colocação de alvos

Ninguém suspeitava sequer que fosse exequível a propaganda do gosto do tiro; ninguém quereria ao menos acreditar que fosse licita a tentativa de chamar á educação na carreira as gerações de amanhã, os moços imberbes, que aprendem sciencias ou artes



Carreira de tiro em Lisboa — Linha de tiro

nos collegios ou escolas. Pois a União metteu hombros á empreza e logo saiu-se bem.

Hoje podem dizer que era facil tentar e realizar; não o diziam então. E' a eterna historia do ovo de Colombo. O que ninguém diz, porque o não sabe,

é a somma de difficuldades encontradas no caminho e a perseverança de cada dia e de cada hora para vencelas ou arredal-as, na conquista paciente e persistente de sympathias e de affectos, na colheita, — premio de laboriosa sementeira e de sollicita cultura, — de applausos e felicitações pelos resultados obtidos.

A União dos atiradores civis foi declarada associação patriótica, dando-se-lhe oficialmente séde na carreira de tiro de Lisboa, e concedendo-se-lhe o porte gratuito da sua correspondência aberta, por meio de

estampilha especial; á União foi concedido o bonus de 50 por 100 para grupos de dez dos seus associados na Companhia real dos caminhos de ferro, nas das Beiras e em todas as linhas do estado; e por fim, quando já a sua acção não era duvidosa, nem os seus bons serviços discutíveis, ousou sollicitar e alcançar de Sua Magestade El-Rei a honra insigne de ser seu presidente honorário.

Eis como nasceu, eis como se desenvolveu esta associação, cujo



Carreira de tiro em Lisboa — Caminho dos abrigos

bem-fadado título é de molde para sob a sua bandeira se acolherem todos quantos atiradores ha no país, todos quantos queiram iniciar-se na theoria e na pratica do tiro de guerra.

Leiria, Vizeu, Almeida, Chaves, Bragança, Coimbra, Espinho, Guarda e recentemente o Porto acorreram ao seu chamamento, e crearam filiaes, ao mesmo passo que lá ao longe, n'essa Africa, onde se encerra o problema do nosso futuro, nasciam filiaes da União em Loanda e em Benguela, e mais filiaes teriam surgido já, se mais carreiras de tiro houvesse no continente e ilhas, se alguma por acaso existisse nas vastas possessões de além mar.

Ora, enquanto se realisava este milagre, porque no nosso país é um verdadeiro milagre este resultado da propaganda; da Escola



O sr. ministro da guerra acompanhado pelo sr. general da divisão e dr. Cunha Bulhões, presidente da União

Polytechnica, do Real Gymnasio Club, da Escola Academica, da Escola Principe Real, do Collegio Nacional, da Escola Marquês de Pombal, do Lyceu de Lisboa, da Escola Principe da Beira, da escola normal, do Instituto industrial, do Real Instituto, da Escola Rodrigues Sampaio, do Atheneu commercial e de tantos outros estabelecimentos de ensino vinham alumnos á carreira, preparando-se d'esta arte um promettedor alvore de bons atiradores para o dia de amanhã, que pode ser risonho ou tenebroso. Segundo e não menos evidente milagre!

Quem, alguns annos antes, havia de acreditar sequer na possibilidade de virem atiradores de Bragança, de Chaves, de Almeida, da Guarda e de outras localidades de mais facil accesso a Lisboa, para honrar e abrilhantar as festas do tiro? Quem ousaria crer que senhores concorressem ás carreiras a disputar glorias de pericia com o sexo forte?

Quem faz, quem fez, ainda este anno, toda a parte vistosa, atrahente, communicativa e por conseguinte propagandista do concurso de tiro?

E' util? não é util esta generalisação da pratica dos fogos de guerra? Tem ou não tem intuitos patrióticos de largo alcance?

Se é util, ninguém de boa fé poderá contestar a benemerencia á União dos atiradores civis, que tanto tem conseguido; se é inutil, tem ella andado illudida no seu forcejo, e illudidos com ella os altos poderes, que tanto a

E' tudo o saber atirar bem? Seguramente não; pois que o essencial é a disciplina e a pratica da obediencia; mas quanta vantagem ha em que o elemento militar, ao occupar-se d'essa educação para fazer soldados, os encontre já aptos e habéis para se servirem da espingarda que lhes vai ser confiada; de mais que, nas carreiras, começam os atiradores civis a aprender o respeito e obediencia, que formam a base da educação militar e são a mais solida garantia da victoria.

Não! O trabalho da União não tem sido esteril, e pois que ella tem sabido alliar o util ao agradável e entrelaçar com a educação pratica as festas suggestivas, dê-se conta summaria do que foi a recente celebração do concurso de tiro dentro e fóra da carreira.

Tinha a União pelo seu programma, superiormente aprovado,

o direito de promover uma festa de tiro exclusivamente sua; mas, pois que, pela primeira vez e muito auspiciosamente, os serviços de tiro estavam sob a suprema direcção do illustre general director geral de infantaria, quiz, por muito espontanea vontade, desistir da sua festa privada para melhor cooperar para o esplendor da festa nacional; e o illustre general dignou-se acceitar esta desinteressada colla-



Carreira de tiro em Vizeu

boração, que se traduziu na inscripção de cerca de metade dos atiradores, excluidos os militares, na offerta de numerosos premios, adquiridos uns a expensas proprias, outros por sollicitada dadia de muitas e importantes associações, no chamamento dos atiradores de quasi todas as filiaes do continente, na concorrência de numerosos alumnos,



Major de inf. Luiz Fausto Guedes
1.º premiado da 1.ª parte com o premio de El-Rei



Silvino Félix Pombo

aluno da União

3.º premiado da 1.ª parte. Premio da Direcção Geral de Infantaria



Wenceslau Pedro Vaz

aluno da União
1.º classificado da 2.ª parte
Premio de S. M. a Rainha



José Victor d'Almeida

aluno da 6.ª filial da União, em Estoril
1.º premiado da 2.ª parte
Premio do Ministerio do Reino

têm festejado e acariciado.

Mas, — diga-se a verdade, — não serve de muita maneira ao exercito e consequentemente

que, em cortejo festivo e precedidos de uma banda de musica, entraram na carreira, sem falar na sessão solemne, realisada na sala nobre dos paços do concelho, por generosa e nunca esquecida fineza do illustre presidente da commissão administrativa do municipio de Lisboa.

te á patria esta preliminar preparação das camadas, que hão de ser um dia chamadas a servir nas filiaes ou incorporadas nas reservas?



José de M. Carrello
socio da União

2.º premio da 1.ª parte
Premio do Ministerio da Guerra

Na disputa do premio de Sua Magestade El-rei, a não ser um distincto official do exercito, atirador de pericia consummada, que o alcançou, teria elle pertencido a um socio da União; na prova geral, foi o segundo classificado um seu atirador; e dos desoitos premios destinados á primeira parte do concurso alcançou ella seis, com a esplendida circumstancia de se incluírem n'estes premiados dois atiradores que, ainda no anno preterito, eram alumnos.

A segunda e terceira partes, respectivamente destinadas aos atiradores das filiaes e aos alumnos do corrente anno, deram honrosissimos resultados, provando que a aptidão para o tiro ao alvo crescia e se desenvolvia sob o influxo da União.

de sabre, briosamente sustentado dois dos seus mais valentes discipulos Carlos Gonçalves e Cesar de Mello; Carlos Callixto, da redacção do *Tiro Certo*, dignou-se ler uns versos meus, dando-lhes vida com a sua entusiastica dicção; e d'entre o elemento artistico conquistou-se a efficaz e valiosa coadjuvação da gentil e talentosa cantora Mercedes Blasco e dos dois distinctos actores Valle e Mello.

Que dizer d'essa recita encantadora, em que o theatro estava adornado de gentilissimas illustres damas e de distinctos cavalleiros?

Que a primorosa execução do orpheon deixou todos encantados? que o solo de violino foi um primor? que...?

Mas está a chamar-me especialmente a attenção esse grupo de tres creanças, saídas ha pouco de uma grave doença e que pela primeira vez se apresentavam n'um grande theatro e perante um publico numeroso e selecto.

A mais velha é o typo ideal da ingenua dramatica; de gentil presença, de notavel belleza, de boa expressão



Berta e Dygonisia Gaspar e Silva

na comedia de Scribe — *Um casamento infantil*
representada no sarrau da União
no theatro da D. Maria em 6 de junho



Carreira de tiro em Leiria — Vista geral

Mas como os dias marcados para o concurso official eram o 22 e 24 de junho, ficava intercalada uma noite, em que era preciso entreter de alguma maneira os dedicados atiradores que de longes terras tinham accorrido á festa.

Foi então que se pensou na recita no theatro de D. Maria, não se podendo realizar a tentativa anteriormente iniciada de a levar a effeito no amplissimo Coliseu.

As companhias theatraes, finda a época, tinham levantado vôo para além mar ou para as provincias, e perdida a ultima esperança de que o theatro de D. Maria podesse dar *Os Romanescos*, foi preciso



Carreira de tiro em Leiria — Em fogo

organizar todo o espectáculo, vencendo-se difficuldades imprevistas pela conquista de inolvidaveis favores.

O illustre general commandante da 1.ª divisão militar permittiu que no palco tocasse, ao abrir e fechar do espectáculo, a banda do batalhão n.º 2 de caçadores da Rainha; o infatigavel director do Real Instituto cedeu o seu primoroso orpheon, habilmente dirigido pelo insigne maestro Ribeiro; o distincto violinista Cardona tocou magistralmente um solo; a familia das gentis meninas Gaspar da Silva permittiu que estas tres promettedoras creanças com a coadjuvação de alguns distinctos amadores, representasse encantadoramente a encantadora peça de Scribe *Um casamento infantil*; o grande mestre d'armas, Antonio Martins apresentou n'um assalto



A actriz Mercedes Blasco

que tomou parte no sarrau da União dos atiradores

physiologica, de voz insinuante e meiga, está ali o germen de uma artista; a do meio, a mais combatida pela enfermidade, fazendo um delicioso *travesti*, foi encantadora de naturalidade e de distinção; mas, superior às suas irmãs, a mais nova, uma menina de fatinhas curtas, foi um enlevo de olhos e de ouvidos, pelo seu desembaraço pela inteligente intenção no dizer, pela perspicácia no escutar, pela gravidade e inteligência com que interpretou todo o seu papel; e quando, com a sua irmã que fazia o papel de noivo, dançaram o minuete, foi um delírio de applausos justificadíssimos, porque raras vezes se verá no palco tão correcto e feliz desempenho.

Para este resultado, se muito concorreu o seu distincto ensaiador, de notável maneira cooperou, em ensaios de apuro, o mestre da arte de representar, Augusto de Mello, que, sobre dizer dois monólogos, como só elle os sabe dizer, levou a sua condescendência a completar magistralmente os ensaios da fina comediazinha.

Valle, o idolo das plateias, o estímulo da alacridade, o creador de tantos deliciosos papeis, foi inimitável no dizer de uma scena comica das muitas do seu vasto repertorio; e finalmente, para que



Carreira de tiro em Lisboa — Na marquise

se feche este breve registo com chave de ouro, ha a fazer menção da encantadora voz de Mercedes, uma das nossas mais intelligentes actrizes, uma das cantoras mais apreciaveis, que sobre os primores de dizer, sublinhando graciosamente a canção, tem o merito de pronunciar irreprehensivelmente o francez, tão bem como o portuguez. E' uma acris de alto merecimento no seu genero e sei-o-ia em qualquer outro, se o quizesse tentar.



Carreira de tiro em Lisboa — Na marquise

E agora depois de mencionar esta festa celebre, para que falar dos brindes entusiasticos, trocados na cantina, que na carreira estabeleceu a União, com profuso serviço da casa Ferrari, ou dos discursos da sessão solemne da camara municipal?

O concurso de tiro acabou, terminaram as festas por este anno, e parece que a União, entre os effluvis de gratidão por todos quantos lhe têm dado provas eloquentes de sympathia, pode reconhecer e confessar sem vaidade que, se muito se tem feito para o desenvolvimento e progresso do tiro civil, ella também tem cooperado, modesta mas devotadamente, n'este intento, que por toda a parte se está proclamando como patriótico.

Compensar-lhes-ia este applauso da consciencia os muitos trabalhos e não poucos dissabores que têm tido, se elles não estivessem já largamente recompensados pelo generoso favor e estima de Sua Magestade El-rei e de todos os altos poderes do estado.

A. M. DA CUNHA BELLEM.

AO RECEBER

IN ILLO TEMPORE ^(a)

(NA VOLTA DO CORREIO)

Não é livro — é ceco aberto!
Que queres tu, em verdade,
Que eu diga d'elle, Trindade,
Que tu não saibas ao certo?

Torno agora a vér de perto
— No teu livro — uma outra idade
Que eu recordo com saudade
— Sonho de que hoje desperto!

Com que amor e com que empenho
Tu fazes voltar á vida
A mocidade perdida!

Se até no proprio retrato, (1)
Em que os meus olhos detenho,
Tão perfeito, tão exacto,

— Como tudo alli revive! —
Vejo o cabelo que tive
Sem vér as rugas que tenho!

ALFREDO DA CUNHA.

Dussac, no anniversario da entrada das tropas libertadoras em Lisboa — 1902.

(1) Retrato do «quintanista Alfredo da Cunha», pag. 98 do *In illo tempore*.

(a) N. da R.

No mundo litterario e no mercado de livraria tem tido um extraordinario successo o ultimo livro, sob todos os pontos de vista interessante, de Trindade Coelho. A elle nos referimos largamente no n.º 86 da Revista, ao publicarmos um extracto do *In illo tempore*, acompanhado de illustrações. Se então poderemos accentuar o valor d'este formoso trabalho litterario, em que o auctor consegue apresentar-nos a tradicional vida academica de Coimbra com todos os seus encantos e com todas as suas originalidades.

A edição, feita na casa Aillaud, de Paris, é um primor de arte.

A Trindade Coelho um apeto de mão pela gentil offerta do seu precioso volume.



TEMPOS FELIZES

Proverbios

illustrados



NEM TUDO QUE LUZ É OURO



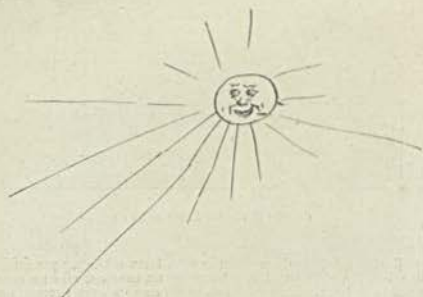
DE GRÃO EM GRÃO ENCHE A GALLINHA O PAPO



A OCCASIÃO FAZ O LADRÃO



QUEM A BOA ARVORE SE CHEGA BOA SOMBRA O COBRE



BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Lunde Búraco, 30

Páginas suplementares: Off. Estevão Nunes & F.^{ma}
Rua d'Assumpção, 18 e 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Vique, Lúcio Tavares

Editor — Luiz Antonio Saiches

Redacção e administração — Rua de S. Roque, 125

End. telegraphico — BRATULGO — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO
Anno	Moeda brasileira	Anno	Anno
Numero avulso	30.000	6 meses	75.000
	2.000	3 meses	40.000
		Numero avulso	5.000

SUMMARY

TEXTO

Um Pelotas.
Política Internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.
As pinturas da Bibliotheca d'Evora — GABRIEL PEREIRA.
Tres typos historicos (ao Barbichas) CAIEL.
As boers — Guedes Teixeira.
As nossas gravuras.
Penamentos.
Chronica — JOÃO COSTA.
Uma regata preparatoria — Real Club Naval de Lisboa.
Por uma flor — ARTHUR D'OURLIAC.
Melhoramentos de Lisboa — O ascensor de Santa Justa, Carmo.
Dr. Lourenço da Fonseca.
Uma vivenda no Rio de Janeiro.
União dos Atradores Civis Portuguezes — A. M. DA CUNHA BELLEM.
As receber em Illo Tempore — ALFREDO DA CUNHA.
Tempos felizes.
Proverbo illustrado — Los.

42 Illustrações

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Representantes do «Brasil-Portugal».
Bom conselho.
Bibliographia — JOÃO COSTA.
O nosso almanach.
Nossa Senhora das Dóres — THIAGO SINGALDI.
Correspondencia — QUELIMANE.
A tortura pela esperança — L'ISLE ADAM.
ANNUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto. — Porto Villar d'Allen — Vinhos — Rio de Janeiro.
Grande Hotel Metropole — Rio de Janeiro.
Casa Baquet — Porto.
Maison Nouvelle — Lisboa.
Novo Hotel do Quazurjy — Santos.
Escola Academica — Lisboa.
Almeida & Serpa Pinto — Porto.
J. Nunes Corrêa & C. — Lisboa.
Veados.
Companhia Geral do Credito Predial — Lisboa.
Cimento Portland — S. Paulo.
Chapelaria da Moda — Lisboa.

Vinhos Velhos Legitimos do Porto. — Porto.
Agua de Carabana — Lisboa.
Cear A. Pavia, dentista — Lisboa.
Gabinete Hydrotherapico — Lisboa.
London & Paris — Lisboa.
João Ferreira — Porto.
La Union y El Fenix Español — Lisboa.
Almanach illustrado Brasil Portugal, para 1903. — Lisboa.
Atelier d'Alfaiate A. Couto — Lisboa.
Bo Botico Universal — S. Paulo.
Companhia Mechanica e Im. cordadora — S. Paulo.
C. P. Viana & C. — S. Paulo.
Loja do Japão — S. Paulo.
Agencia Financiera de Portugal — Rio de Janeiro
Er. Alberto Fialho,

NA CAPA

Garantia da amazonia. — Pará.
Brasil-Portugal.
Noite Dame de Paris. — Rio de Janeiro.

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e **S. PAULO** — (Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theobaldo Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Afundada, 4, sobrado).
PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira. — Rua Primeiro de Março, n.º 14.
PARANÁ — J. B. dos Santos. — (Livraria Classica) — Rua João Alfredo, 36.
MANGA — Jayme & Camara — Livraria Classica — Rua Guilherme Moreira.
MARANHAO — Lourenço J. de Medeiros & C.
GOIÁS — A. Ferreira Braga. — Praça José Alencar 20.
BAHIA — José Luiz da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães) — Rua Direita do Palacio, 28.
PELOTAS — Carlos Pinto & C.^a (Livraria Americana).
PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.^a (Livraria Americana).
RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.^a (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho
MOMBASA — Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUELLIMANE — Henrique Jorge de S. Neves.
DENGUELLA — Mathieu de Tavares.
LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Hattor da Silveira de Lorenço.
S. THOMAS — L. A. B. Alves Mendes

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso
FRANCOA — Rua Adolpho de Albuquerque.

No Continente

PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 210.
EVORA — (Agencia geral em Evora e no Sul) Luis Freire Correia, Rua da Mouraria, 27.
BEJAVENTE — J. N. S. Carvalho.
PORTO DE LIMA — Gama, Amaral & Com.
COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1-3.
CARTAGÃO — Pedro Augusto Passoa.
BRAGA — Antonio Augusto Salgueiro.
ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
COIMBRA — José Narciso da Costa.
PORTALÉGUE — Domingos da Guerra Conde LEIRIA — Manuel Pereira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques da Oliveira.
VIANA DO CASTELLO — J. B. Domingues.
COIMBRA — José Pereira Cabral.
TAVIRA — José Maria dos Santos.
FAIRO — Maya & Trigueiro.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o **Brasil-Portugal** os sr.s:

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.
Zefirino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.
Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Laguarda, n.º 1), em CAMPINAS.
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.
A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.
Rio Solimões — J. C. Mesquita (casa Andrezen) — MANAOS.

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!
— Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...
— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, combosas cores. E eras tão fransino!
— Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Molinho do Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Proven os preciosos vinhos
de Adriano Ramos Pinto

BIBLIOGRAPHIA

O primeiro lugar às visitas. Por isso tratamos de uma nova revista em hespanhol que acabamos de receber de Madrid e intitulada *Revista Iberica*.

Iberica, por certo, apenas no título e nas assignaturas da sua collaboração, porque logo n'este numero lá vamos encontrar um artigo de Guerra Junqueiro, traduzido em hespanhol, *El Cantador*, que termina com esta decima do grande poeta.

Nunca fui mal precedido.
Nunca fiz mal a ninguém.
Se acaso fiz algum bem,
Não estou d'isso arrependido.
Se mau pago tenho tido,
São defeitos pessoais;
Todos seremos iguaes;
No reino da eternidade
La balança da equalidade
Deus sabe quem pesa mais.

A nova revista na parte artistica é um pouco arte nova, mas tem pequeninas silhouettes e, illustrando os artigos, figurinhas de uma grande correção de desenho, no que a Hespanha está sendo realmente bella. Este numero fecha com um bello artigo de Edmund Amicis sobre o grande dramaturgo italiano Gabriel d'Annunzio, agora tanto em moda.

Deixando a *Patria* é um pequeno livro de 60 paginas, com versos do sr. Alcantara Carreira, editado pelos srs. Lopes & C.ª, do Porto. Na capa, ha uma pequena illustração representando um sujeito de grande cabelleira e barba á guisa, muito preta, e fote também muito preto, á prôa de um pequeno bote cujos remos descançam em cima dos bancos. A figura está de braços cruzados, não sabemos se á espera do barqueiro.

Em duas partes se divide o livrinho, a 1.ª Edificando; a 2.ª Lyrisimo, e fecha com esta despedida saudosa á patria:

Adeus patria adorada! adeus terra natal,
Coimbra onde a brincar a infancia percorri!
Adeus Mondego! Adeus Castel Branco! ita!
Onde mis e onde pus, brutalmente, perdi!

Adeus Lisboa, adeus ó linda capital,
Ahi como eu pude ser feliz dentro da til!
Adeus Porto cruel, cre não te quero mal,
Terra em que tanto amei e em que tanto soffri!

Quanto affecto e amizade! e não vejo ao partir
Um lenço que me asene, ou lagrima a cair,
E a alma levo immersa em saudade e em tristia...

O' estrellas do ceu, pedras das ruas, vós,
Que de noite fitava e interrogava a sós,
Se eu voltar podereis reconhecer-me um dia?

Agora no Rio de Janeiro está-se publicando um semanario humoristico *Tagarella*, dirigido pelo sr. Peres Junior com desenhos de varios artistas e entre elles Calisto, Raul e Falstaff.

Em quatro numeros que temos presentes, vamos encontrar algumas caricaturas felizes como por exemplo sob o titulo de *Chico de Campina*, a do futuro presidente da republica, bastante parecida, com este distico:—Está por pouco a minha *rentre* no Casino politico. Ha ainda aqui e ali, n'essas paginas humoristicas, desenhos graciosos sobre a vida e costumes brasileiros.

Da revista dirigida pelo sr. Marques Pereira, *Ta-si-yang Kuo*, essa curiosa coordenação de interessantes documentos e artigos sobre o extremo-orient portuguez, temos já o 2.º numero do 3.º volume, dando em papel couchet curiosissimas gravuras da vista geral de Diu, da gruta de Camões em Macau, do fac similis dos *Lusiadas*, do morgado de Matheus, representando o poeta, de pé, na gruta, para não mencionarmos muitas outras que illustram os artigos firmados por mestres scientificos e illustrados da primeira plana. Ha entre elles um artigo de Souza Viterbo, de veras curioso sobre a arte indo-portuguesa e especialmente sobre fundição de artilharia.

E illustrado por Roque Gomeiro e Celso Her-

minio recebemos tambem os primicios fasciculos da *Guerra anglo boer*, escripta por um funcionario da Cruz Vermelha e editado pelo *Diario de Noticias* na sua bibliotheca tão popular e tão barata.

E até á primeira quizenza, porque do livro que tem sido estes ultimos dias o acontecimento da livraria, em «Lisboa, o In illo tempore» do dr. Trindade Coelho, um magistrado doublé de um delicioso contista, se occupará o *Brasil-Portugal* em outro logar.

JOÃO COSTA.

O NOSSO ALMANACH

Está já á venda em Portugal e no Brasil o *Almanach Illustrado do Brasil Portugal*, para 1903, com uma capa á cores, desenho do grande pintor Ramalho. Impresso em papel forte, abre com um *juizo do anno*, de Alfredo de Mesquita, illustrado pelo lapis humoristico de Celso Herminio, e ao longo das suas 128 paginas, não contando com as da secção dos annuncios que é variadissima, pela serie enorme de estabelecimentos brasileiros e portuguezes que n'ella figuram, encontram-se umas 200 photographuras nitidamente feitas nas officinas de Pires Marinho & C.ª.

Acompanhando o calendario de 1903, dá em cada mez uma serie de receitas agricolas para pomar, horta e jardim. Publica uma centena de adivinhações, logogrifos, enigmas illustrados, charadas, bilhetes postaes, offerecendo á primeira pessoa que enviar a decifração de todos elles um volume encaderado do 4.º anno do *Brasil-Portugal*; insere vistas lindas do Brasil e de Portugal, de costumes, retratos de actrizes portuguezas, contos mudos, pequenas vinhetas, caricaturas, e uma esplendida pagina firmada pelo grande artista Raphael Bordallo Pinheiro, representando os primeiros interpretes do drama de Pinheiro Chagas *A Morgadina de Vailflor*, interpretes na maioria hoje já fallecidos mas, que foram dos mais brillantes mestres na nossa arte dramatica.

A collaboração variadissima e escolhida tanto na parte litteraria como na artistica, insere artigos e versos de Urbano de Castro, D. João da Ca-

VINHOS VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

Rua 1.º de Março, 59—RIO DE JANEIRO

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O *Metropole*, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORCOYDO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



mar, João Penha, Camillo, Guerra Junqueiro, Moura Cabral, Gomes de Amorim, Pinto de Carvalho (Tinop), Souza Bastos, Alberto Bramão, Sérgio de Castro, Fernando Leal, Gervasio Lobato, Conde de Arcoz, Camões, Ramalho Ortigão, Guilherme Gama, Garrett, Barão de Roubim, João de Deus, Quental, Bulhão Pato, Joaquim de Araújo, Alberto Braga, Pinheiro Chagas, Conde de Monsaraz, além de grande número de poetas e escritores estrangeiros. O Almanach illustrado do Brazil-Portugal, para 1903 contém uma leitura ligeira, agradável e útil. Dá também o calendario para 1904 que é anno bissexto.

NOSSA SENHORA DAS DORES

Attēdite et videte si est
dolor sicut dolor meus.

JEREM. C. L.

Almas cheias de ternura
Que sabeis que coisa é pranto,
Que no luto e na amargura
Encontraes mystico encanto,
Vede a pena que se encerra
No meu peito, e se na terra
Dor equal á minha dor,

Não digaes que sou Rainha,
A bellissima entre as bellas,
Não digaes que a fronte minha
E' cercada das estrellas,
Nem que o sol toda me veste
D'uma purpura celeste
De sorriso e d'espandor,

Uma espada de tristeza
Transpassou meu coração;
Este sol é sem belleza,
Esta luz é sem clarão,
E as estrellas são sem brilho
Para mim. Perdi meu filho!
Mê... ah! Mê eu já não sou.

O meu filho?... era meu Deus,
Minha força n'esta vida,
Era a luz dos olhos meus,
Era o sol da minha vida;
Perdi tudo: só me resta
A lembrança tão funesta
Da alegria que passou.

Ai tão longe os saudosos
Doces dias de Belem,
Quando nos olhos formosos
Me revia do meu bem;
Eclipsou-se tanto riso,
Tanta luz de Paraíso,
Tanta graça, tanto amor.

Almas cheias de ternura
Que sabeis que coisa é pranto,
Que no luto e na amargura
Encontraes mystico encanto,
Vede a pena que se encerra
No meu peito, e se na terra
Dor equal á minha dor.

TRISTÃO SENEZAL.

N. B.—Este poeta é um illustre sacerdote italiano que em 1858 estava em Coimbra, havia pouco tempo, versando e escrevendo já primorosamente o portuguez.

CORRESPONDENCIAS

Quelimane, 20-6-902.

A chegada do laureado official da Armada Real João d'Azvedo Coutinho foi tão ansiosamente esperada pelos numerosos amigos que aqui conta e pela população de Quelimane que de ha muito se habituou a admirar e apreciar devidamente as grandes qualidades que o dotam, foi, senão um delirio, pelo menos um enthusiasmo desusado para que todos concorrem espontaneamente com uma alegria tão manifesta e sincera que bem demonstra quão dignamente é aqui querido e admirado por todos.

As vossas governador e valente official, o heroe de Magães da Costa e que sem duvida o vossar tambem do Barão felicitamos intimamente e nos seus muitos amigos.

— Falleceu victima d'uma biliosa, pela 5.ª hora da manhã, o sr. Antonio Joaquim de Mattos Consiglieri sendo sepultado no cemiterio da Saudade no dia seguinte pelas 7 horas da manhã.

Foi acompanhado á sua ultima morada pelos seus numerosos amigos que em grande numero difficilmente conseguiram occurrir á sua consternação.

A sua illustre familia os nossos pesames.

A Commissão Municipal fez correr uma circular pelos habitantes convidando-os a comparecer na sessão de amanhã pelas 10 horas da manhã na sala das sessões afim de ser tratada a abertura do Quaquá ligando o Zambese com o rio dos Bons Signaes.

Este facto tem occasionado grande sensação entre os proprietarios e commerciantes d'esta villa que segundo consta estão promptos a concorrer com importantes quantias.

Passageiros do vapor «Reichstag» para Quelimane

De Lisboa—José Francisco de Passos, Domingos O. da Silva, Luiz Telles da Gama, Antonio Pereira Pombo, João Pinto, Joaquim Francisco, Agrippino Garcia, Joaquim P. Secra, N. da Costa Santos.

De Quelimane para Lisboa—José Mayer Guerreiro, Caldeira Ribeiro.

Para Moçambique—D. Maria J. Dias e filha, Capitão J. Encarnação e Sousa e esposa, José Luiz de Lima Junior.

Para o Chinde—A. Proença Fortes, M. Teixeira de Mattos.

A tortura pela esperança

Nos subterrâneos da Official de Saragossa, no declinar d'um dia de out'ora, o veneravel Pedro Arbuez d'Espila, sexto superior dos dominicanos de Segovia, terceiro Grande Inquisidor de Hespanha—seguido por um frade redemptor (carasco em chefe) precedido por dois familiares do Santo Officio, que levavam lanternas, desceu a uma escura masmorra. Rangeram os gonzoos d'uma porta macissa; entrou n'um mephitico impace, onde a claridade d' soffrimento que vinha de cima deixava apereber, entre anneis pregados ás paredes, um frade crecido pelo sangue, um fogareiro e uma bilha. Em cima d'uma enxerga de palha, e seguro por cadeias, com a golieth de ferro ao pescoço, estava sentado, com aspecto desvalorado, um homem esfarfapado, de idade já indistincta.

Era este encarcerado o rabbi Aser Abirbanel, judeu aragonez, que—acusado de usura e de impiacivel desdém pelos pobres—era, havia mais d'um anno, quotidianamente submettido á tortura. Contudo, «por ser a sua cegueira tão dura como a sua pelle», recusara-se a abjurar.

Foi pois com os olhos lavados em lagrimas, pensando que aquella alma tão firme fugia á salvação, que o veneravel Pedro Arbuez d'Espila, aproximando-se do tremulo rabbi, pronunciou as seguintes palavras:

—Alegrae-se, meu filho: os seus soffrimentos n'este mundo vão acabar. Se, em presença de tanta persistencia, eu tive que consurtar, gemendo, em que se empegassem tantos rigores, os meus encargos de fraternal correção toem os seus limites. O meu filho é a temosa figueira que, tantas vezes tem fructo, vem em breve seccar... mas só Deus pôde dissipar da sua alma a Talvez a infinita Clemencia caia sobre o meu pobre filho no supremo instante. Assim o devemos esperar!

Ha exemplos...—Descance pois esta noite. A'manhã fará parte do auto de fé: quer isto dizer que será exposto ao quemdado, fogueira percursora da chama eterna: não queira, como sabe, senão a distancia; e a morte demora-se, pelo menos, duas horas (muitas vezes três) a vir por causa dos pannos molhados e gelados com que temos o cuidado de preservar a fronte e o coração dos holocaustos. Apenas terá quarenta e dois companheiros. Lembra-se de que, collocada na ultima fila, terá o tempo necessario para invocar Deus, para lhe offerrecer aquelle baptismo de fogo que vem do Espirito-Santo. Espere pois e durma.

Depois d'este discurso, Don. Arbuez tendo mandado com um signal tirar os ferros ao desgraçado, abraçou-o com ternura. Depois chegou a vez ao frade redemptor, que, em voz baixa, pediu ao judeu que lhe perdoasse o que elle lhe tinha feito soffrer para o redimir; depois abraçou-n'o os dois familiares, cujo depois, debaixo dos capuzes, foi silencioso. Terminada a cerimônia,

deixaram o captivo, só e alucinado, nas trevas.

Aser Abirbanel, com a bocca secca, o rosto contrahido pelo soffrimento, olhou primeiro, sem a fixar para «porta fechada»—«fechada? Esta palavra, despertava, nos seus confusos pensamentos, uma esperança secreta. E que entrevira, durante um momento, a luz das lanternas entre uma fumaça da porta. Fel o estremecer uma moribunda idea d'esperança, devido ao enfraquecimento do seu cerebro.

Arrastou-se para a insolita côza entrevista! E, muito devagar, mettendo um dedo, com demoradas precauções, na fenda, puxou a porta para si... «O espanto! por um acaso extraordinario, o familiar que a fechára dera a volta á chave um pouco antes da porta bater nas humbeiras de pedra! De forma que, não tendo a lingueta entrado no «s» a lugar, a porta ficára aberta.

O rabbi arriscou um olhar para fóra. Devido a uma especie de livida obscuridade, distinguio, ao principio, um semi-circulo de muros terrosos, cortados por espiraes de degraus—e, dominando, em frente d'elle, cinco ou seis degraus de pedra, uma especie de portico negro, dando para um vasto corredor do qual não era possivel ver, de baixo, senão os primeiros arcos.

Rastejando, subiu ao nivel d'aquelle portico.—Sem, era effectivamente um corredor, mas d'um comprimento enorme! Illuminava-o uma claridade alvaceante, uma luz triste; lampadas, suspensas das abobadas, azulavam, de vez em quando, a côr embaciada do ar—o fundo longinquo só era sombra. Nem uma porta, lateralmente, n'aquelle extensão! Sô d'um lado, á sua esquerda, uns respiradouros, de grades entrezurdas, nos recantos das paredes, deixavam passar um crepusculo—de dentro d'elle, cinco ou seis degraus de pedra, uma especie de portico negro, dando para um vasto corredor do qual não era possivel ver, de baixo, senão os primeiros arcos.

Sen heitar pois, descendeu-se ao corredor, contendo a parte dos respiradouros, esforçando-se por se confundir com a tenebrosa côr dos longos muros. Arancava lentamente, arrastando-se sobre o peito—e soffocando os gritos quando uma ferida, recentemente aberta, o torturava.

De subito, chamou-se elle ao echo d'aquelle ale de pedra, o ruido d'uma sandalia que se approximava. Sacudiu-o um tremor, soffocou a a ansiedade; obscureceu-se-lhe a vista. Tudo acabara, nem uma esperança! Encolheu-se, sem respirar, n'um recanto, e, meio-morto, esperou.

Era um familiar que vinha depressa. Passou rapidamente como um arranca-musculos na mão, o capuz cahido, terrivel, e desapareceu. O terror, que estrangulava o rabbi, como que lhe suspendera as funcções da vida, e o judeu, ficou, quasi uma hora, sem poder fazer um movimento. Com o medo d'um augmento de tormentos se fosse surprehendido, veio-lhe a idea de voltar para a sua masmorra. Mas a velha esperança segredava-lhe, na alma, aquelle divino Talvez, que reconforta o mais dos mártires, e elle... Fizera-se um milagre! Não podia já duvidar!

Cont'nuou pois a rastejar para a evasão possivel. Extenuado pelo soffrimento e pela fome, tremendo d'angustia, avançava!—E aquelle sepulchral corredor parecia prolongar-se mysteriosamente! E elle, sem deixar de avançar, via sempre aquella sombra, lá no fundo, onde devia estar uma salvação salvadora!

—Oh! oh! Eis que de novo soaram uns poucos de passos, mas, d'esta vez, mais lentos e mais sombrios.

As formas brancas e negras, com os longos chapéus de abas enroladas, de dois inquisidores, appareceram-lhe, saindo da sombra, lá do fundo. Conjuravam em voz baixa e pareciam discutir um ponto importante, porque agitavam muito os braços.

Ao vê-lo, Aser Abirbanel fechou os olhos: o seu coração batia a ponto de soffocar; os seus farrapos foram molhados por um suor frio de agonia, ficou estendido, immovel, ao longo da parede, sob os olhos perplexos d'uma lampada, implorando o Deus de David.

Chegados ao pé d'elle, os dois inquisidores pararam, só a luz tibia do lampeio,—isto por um acaso sem duvida proveniente da sua discussão.

Um d'elles escutando o seu interior, olhou para o rabino! Desfalecendo, sem poder respirar, com as palpebras tremulas, o desgraçado sentia calafrios, sob aquelle olhar de que não comprehendera a expressão distraída. Mas, coisa estranha e natural ao mesmo tempo, os olhos do inquisidor eram evidentemente, os d'um homem profundamente preocupado com o que vae responder, absorto pela ideia do que escuta, eram fixos — e pareciam olhar para o judeu sem ver!

Effectivamente, ao cabo d'alguns minutos, os dois sinistros vultos continuaram o seu caminho, a passos lentos, e sempre conversando em voz baixa; não o tinham visto! Na horrivel desordem das suas sensações, o captivo teve o cerebro atravessado por esta idea: «Estarei eu já morto para não me vêrem?»

Avante! Tinha que se apressar para o fim que elle julgava, na sua louca esperança, ser a liberdade! para aquellas sombras, de que já não distava mais do que uns trinta passos pouco mais ou menos. Continuou pois mais depressa, nos joelhos, nas mãos, no ventre, o seu caminho doloroso; em breve entrou na parte obscura d'aquelle terrivel corredor.

De repente, o miseravel sentiu nas mãos uma impressão de frio; provinha ella d'um violento

sopro d'ar, que passava por debaixo d'uma pequena porta, onde as duas paredes iam ter. — Ah! Deus! se aquella porta desse para a liberdade! Todo o ser do tritura, o judeu teve como que uma vertigem d'esperança! Examinava-a de cima até baixo, sem poder distinguil-a bem, por causa das trevas que o cercavam. — Apalpava a: nem ferrôlhos! nem fechadura. — Um fecho! Pôz-se de pé: o fecho cede sob os seus dedos; a silenciosa porta girou entre os gonços.

« Alleluia!... » murmurou, n'um immenso suspiro d'acção de graças o rabbino, agora de pé no limiar, ao ver o que lhe apparecia.

A porta dava para uns jardins, sob uma noite estrelada! via a primavera, a liberdade, a vida! Dos jardins passava-se para o campo proximo, prolongando-se para as serras de cujas sinuosas linhas azuladas elle via o perfil no horizonte; — ali estava a salvação! — O desgraçado respirava o bom ar sagrado; o vento reanimava-o, os seus pulmões resuscitavam! Ouvira, no seu coração dilatado, o *Veni*foras de Lazaro! E, para abençoar ainda o Deus que lhe concedia aquella misericórdia, estendeu os braços para a frente, levantando os olhos para o firmamento. Foi um extasi!

Então, julgou vêr a sombra dos seus braços voltar-se para elle: julgou sentir que estes braços de sombra o envolviam, o abraçavam, — e que era apertado ternamente contra um peito. Um vulto alto, estava effectivamente ao pé do seu. Cheio de confiança, abaixou o seu olhar para este vulto — e ficou palpitante, esvaído, com os olhos embaciados, tremulo, com as faces inchadas e suffocado de terror.

Horror! Estava nos braços do grande! Inquisidor, que olhava para elle, com os olhos cheios de grossas lagrimas, e com um ar de bom pastor que encontra a sua ovelha desgarrada!

O sombrio padre apertava contra o coração o desgraçado judeu, com um impulso de fervorosa caridade. E, enquanto Aser Abrianiel, revolvendo os olhos nas orbitas, se torcia d'angustia entre os braços do ascetico Don Arhuez, e comprehendia confusamente que *todas as phases da fatal noite não eram mais do que um supplicio previsto, o da Esperança*, o grande Inquisidor, com uma entoação de pungente censura e com um olhar desconsolado, murmurava-lhe ao ouvido, com um halito ardente e alterado pelos je-juns:

Ora essa, meu filho! Na vespera, talvez, da salvação... queria deixar-nos!

L'ISLE-ADAM

CASA BAQUET

GONÇALVES JUNIOR

ALFAYATE

Confecções para senhoras

153 — Rua de Santo Antonio — 157

PORTO

COUPEUR — ANTONIO AMORIM



MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confecções

Com atelier de modista e alfayate

— ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO —

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa

Novo Hotel do Guarujá

EMPRESA

MANUEL D'HUICQUE

ILHA DE SANTO AMARO

SANTOS (BRASIL)



ESCOLA ACADEMICA

Instituída em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayme Mauperrin Santos

Bacharel formado em Philosophia e Medicina

pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa

Médico dos Hospitais Civis

INSPECTOR DOS ESTUDOS

Antonio Dias de Sousa e Silva

Bacharel formado em Philosophia, com o curso

de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra

Curso Theologico no Seminario de Vizeu

e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

Distribuição do tempo dos alumnos internos

Levantam-se ás 5 1/4, excepto os da classe infantil. Seguem immediatamente para as salas de banho, onde todos tomam diariamente um banho geral d'aspersão, frio ou morno, conforme lhe está preceituado.

As **salas de banho**, installadas no centro dos dormitórios, uma em cada andar, teem cada uma 17 banhos d'aspersão, separados uns dos outros, permitindo assim que 34 estudantes possam banhar-se e lavar-se ao mesmo tempo. Terminada a lavagem, regressam aos dormitórios, onde completam a sua toilette.

As 6 1/4 dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a sua oração da manhã e descem em seguida para o andar das aulas, onde se distribuem conforme os cursos e respectivos annos, tendo o seu primeiro estudo das 6 1/2 ás 7 1/2 horas da manhã.

As 7 1/2 é servido o almoço, que consta d'um prato de garfo, chá e pão com manteiga. Terminado o almoço, ás 8 horas, teem recreio até ás 9 horas.

Das 9 horas ao meio dia, 1.º periodo de aulas, havendo ás 10 e 11 horas pequenos intervallos, que permitem a mudança dos professores e o descanso dos alumnos.

Do meio dia ás 2 horas da tarde interrupção geral de todos os trabalhos litterarios. Durante este periodo teem lugar o **lunch** e as aulas de recreio: — gymnastica, dança, jogos de florete e de pau, esgrima, musica theorica e instrumental. Todos os alumnos são obrigados á frequencia d'estas aulas (sem pagamento especial para isso), estando divididos em grupos, que alternam durante este periodo na frequencia d'estas aulas e nos recreios e jogos (Law-tennis, Malha e Croquet).

Lisboa e secretária da Escola Academica, aos 11 de abril de 1901.

Das 2 ás 4 horas, 2.º periodo de aulas, havendo ás 3 horas o intervalo ne.essario para as mudanças dos professores e descanso dos alumnos.

As 4 horas, jantar, que consta de sopa, dois pratos, vinho e sobremesa, conforme a **tabella das refeições que corre impressa**.

Das 5 ás 7, recreio geral nos terraços, jogos ou salas de recreação, estando ali os alumnos divididos em 5 secções, conforme as suas idades.

As 7 horas, estudo geral nas suas respectivas aulas, que dura até ás 9 horas da noite, excepto a instrução primaria, cujo trabalho termina ás 8 1/2 da noite.

As quartas e sabbados, das 8 1/2 ás 9, uma das 5 secções, em que os alumnos internos estão divididos, tem uma catechese do capellão da Escola para o seu ensino moral e religioso e explicação da doutrina christã.

As 9 horas, ceia, que consta de leite e pão.

Em seguida dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a oração da noite e recolhem aos dormitórios.

Nos domingos e dias sanctificados levantam-se ás 6 1/2. Depois do almoço, assistem á missa na Capella da Escola e á explicação do Evangelho do dia, feita pelo capellão.

As 11 horas ouvem uma pequena prelecção sobre assumptos de hygiene, feita pelo Director.

¹ Durante este periodo teem lugar os ensaios da fanfarra e da tuna, dirigidos pelos respectivos professores, e as aulas especiaes de musica.

O DIRECTOR — MAUPERRIN SANTOS

Modas e confecções



Ultimas Novidades de Paris,
Londres e Berlim

ALMEIDA & SERPA PINTO

Succ.^s de Almeida & C.^a

PORTO - PORTUGAL

ATELIERS DE MODAS

dirigido por uma modista franceza

PRAÇA CARLOS ALBERTO, 33 A 38 A



Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho
FORNECEDORES DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.^a

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44: Rua de S. Julião, 120, 152, 154 e 156 — LISBOA

Preparam-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preço.

VEADO
ESPECIALIDADES • FUMOS EM PACOTINHOS
E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 %/100, de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/8 %/100 de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 % á ordem e 3 1/2 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

Cimento Portland



Qualidade superior garantida
O MAIS ECONOMICO DE TODOS OS CIMENTOS
UNICOS IMPORTADORES:

Antonio Miguel & Comp.

RUA DIREITA, 46--S. PAULO (Brazil)



PORTO
REGISTRADA
MARCA DE COMMERCIO

VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e autenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO

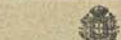
CHAPELARIA DA MODA
DE
JOÃO ALVES DA COSTA

32, Rua Garrett, 34--(Chiado)

LISBOA

Completo sortimento de chapéus e bonnets para homem e creança, nacionaes e estrangeiros, em seda, feltro e palha. chapéus CLAUQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das aguas minero-medicinaes de MONDARIZ



CESAR A. PAIVA
CIRURGIÃO DENTISTA

SUAS Magestades e Altezas
CONSULTORIO
R. do Arsenal, 100. 1.^a
LISBOA

GABINETE HYDROTHERAPICO

do Dr. Mauperrin Santos

Médico e 4^o vector: J. Mauperrin Santos

Médico e 4^o vector: J. Silvestre d'Almeida

Instalação: o hydrotherapico completo, das

salas de a. m. e para homens e senhores, inte-

ramente a. m. e das e independentes: gabinete

anexo d'ele. cidade e massagem: Massagem

e gymnastica: dirigida por C. de Souto

mago. e doenças nervosas e do estomago.

Aberto das 8 ás 12 da manhã e das 3 ás 5 da tarde

ENTRADA: CALÇADA DO DUQUE, 20

CALÇADA DA GLÓRIA, 15 Lisboa

GUILHERME SILVA



Camisas, ceroulas,
gravatas, collarinhos
e punhos

Roupas bordadas
e camizetas
Enxovaes em todos os
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA



JOÃO FERREIRA

PRIMEIRO FABRICANTE DE CAFÉ E CHOCOLATE EM PORTUGAL
PORTO

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao óleo de fígado de bacalhau,
Superior às emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resulta-
dos seguros e rapidos no tratamento das doenças aci-
ma indicadas, quer em creanças quer em adultos. É
agradavel á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a
opinião favoravel de professores da Escola Medica,
directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, nota-
veis medicos eminentes especialistas.

Ensaaiado com exito seguro em todas as casas de
beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 38300 réis; caixa
de 12 frascos, 68200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as Imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias
e drogarias do paiz

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 réis

13.000.000.000

De dividendos pagos desde 1894 até 1899

PREMIOS RESERVAS 5.833.000.000

Regime com as leis de 1890

Equateur Atlantique & Union Meridiana

Com o capital de 2.400.000.000 réis

e fim de transpôr de qualquer natureza.

Directores — J. M. M. & Filhos

LISBOA — Rua da Prata, 59, 2.º

Almanach illustrado

DO

BRASIL PORTUGAL

PARA

1903

Papel de Luxo

200 GRAVURAS

Está á venda em todas as li-
vrarias e lojas do costume.

PRFÇO 250 RÉIS

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

No Boticão Universal



Primeiro Deposito

de Artigos Dentarios

Na Capital do Estado de S. Paulo

Januario Loureiro

Rua de Bento n.º 16

Caixa Postal n.º 71 — S. PAULO

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

COMPANHIA Mechanica e Importadora

DE SÃO PAULO

Endereço teleg.—Mechanica.

Escritorio: RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 36—Caixa no Correio, 51
em Londres: Broad Street House-New Broad Street, London, E. C.
Officinas: Rua do Triunpho, n.º 37 a 43
Fundição e Depósitos: Rua Monsenhor Andrade—Braz

Importação e fabricação de

Machinas a vapor, motores a Kerozene, turbinas hydroaulicas, rodas d'agua, materiaes para luz electrica, serras de varios typos, machismos para beneficiar café, desopiladores, materiaes e machismos diversos para uso nas fazendas, para serrarias, carpintarias, marcenarias, ferreiros, serralheiros, gazistas, funileiros, fabricantes de carros e carroças, materiaes para estradas de ferro, abastecimentos d'agua e esgotos, construção e engenharia.

Carvão de machina, coke, carvão de forja, ferro guza, ferro batido em barras, chapas e perfis diversos, tubos pretos e galvanizados, cimento, telhas de zinco, arame liso e farpado, tijolos refractarios, etc., etc.

S. PAULO—Brasil.

C. P. VIANNA & C.^A

Successores da antiga casa de J. P. de Castro & C.^a

IMPORTADORES E COMMISSIONARIOS

Unicos agentes no Estado de S. Paulo, das

AGUAS MILAGROSAS
de Lambary e Cambuqueira

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

LLOYD AMERICANO

Caixa postal n.º 31.

Endereço teleg.—«VANINA».

Código teleg.—RIBEIRO.

R. do Commercio, n.ºs 11 e 13.

S. PAULO (Brasil).

LOJA DO JAPAO

GARCIA, NOGUEIRA & C.^A

Agentes do BANCO DO M.NHO

Emittem saques sobre todas as localidades de Portugal, Ilhas, Hespanha e Italia, e sobre Paris, Londres e Hamburgo.

Compram cambiaes sobre estas praças

Importadores e especialistas de

**Chá, cêra, sementes,
fogos d'artificio,
lanternas, presuntos,
leite condensado,**

e muitos outros artigos do seu ramo de commercio.

Rua de S. Bento, 42.

S. PAULO—Brasil



Agencia Financial
DE
PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO
SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitais de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.